

Escola de Sociologia e Políticas Públicas
Departamento de História

A representação de Islão e muçulmanos na imprensa portuguesa: o caso do *Correio da Manhã* e *Público* em três intervalos temporais

Rodrigo Alexandre Carneiro Morais

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Estudos Internacionais

Orientador(a):

Doutor Luís Nuno Rodrigues, Professor Associado com Agregação
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Orientador(a):

Doutora Rita Espanha, Professora Auxiliar
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2018

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer aos meus pais e irmã o apoio, a ajuda e o acompanhamento durante esta etapa difícil e demorada, incentivando-me ao longo deste meu percurso académico. Obrigado à minha namorada, Sara, por ter tido muita paciência para ouvir o meu desespero, cansaço e medos, por ter estado sempre pronta para me ajudar e animar, por vezes com um simples gesto, por nunca ter deixado de acreditar em mim e nas minhas capacidades, e por ter ralhado comigo sempre que foi necessário. Não há nada que não consiga ultrapassar contigo a meu lado, porque juntos somos imparáveis. O mais difícil já está feito!

Em segundo lugar, quero agradecer aos meus orientadores, Dr. Luís Nuno Rodrigues e Dra. Rita Espanha, que souberam, desde a primeira hora, aconselhar-me sobre as melhores formas de conseguir realizar um projeto que, inicialmente, era demasiado vasto e utópico. Obrigado pela pronta ajuda dada, pela revisão das várias partes do projeto, e pelo tempo que foi despendido nesta dissertação.

Obrigado, também, ao Spencer e à Sofia, os meus dois colegas que me acompanham desde o início da licenciatura, com os quais trabalhei em projetos, trabalhos e apresentações e, juntos, criámos laços de amizade que ultrapassaram os “muros” da academia. Não há dúvida de que formamos o melhor trio de sempre!

Obrigado ao Décio Telo, responsável do Laboratório de Ciências de Comunicação do ISCTE-IUL, pelos seus conselhos e disponibilidade, e a toda a equipa do Laboratório, por me ter recebido sempre tão bem e com tanta simpatia.

Por fim, resta-me agradecer a todos os outros amigos e familiares que me apoiaram igualmente ao longo desta etapa.

Muito obrigado!

RESUMO

Os *Media* são considerados como elementos fundamentais na construção da opinião pública da sociedade e *agenda setting*. O seu poder é enorme, no que diz respeito a estes elementos, mas também na representação de acontecimentos, fenómenos e de grupos sociais, étnicos, políticos e religiosos. Nesse sentido, Islão e muçulmanos, segundo a literatura, tendem a ser representados pelos *Media* ocidentais de uma forma negativa, associados a temas como conflito, terrorismo, conservadorismo, intolerância e fundamentalismo. Mais: a representação destes elementos tende a apresentá-los como entidades homogéneas, sem diferenças significativas dentro da religião e entre muçulmanos, considerando o Islão e todos os muçulmanos sobre esta luz negativa, o que poderá não corresponder à verdade. Com esta dissertação pretende-se analisar a forma como Islão e muçulmanos são representados pelos *Media* portugueses, tendo em conta o aspeto temático, de conteúdo e também comparando as fontes analisadas. Os resultados indicam que essa representação tem um pendor negativo, centrada em conflitos e atentados, mas apresentando os elementos analisados como entidades heterogéneas. As principais diferenças entre as fontes dizem respeito aos seus próprios formatos e características.

Palavras-chave: *Media*, representação, Islão, muçulmanos, *Correio da Manhã*, *Público*

ABSTRACT

The Media are considered as fundamental elements in the construction of the public opinion of society and the agenda setting. Their power is enormous, concerning to these elements, but also on the representation of events, phenomena and social, ethnic, politic and religious groups. In this regard, Islam and Muslims, according to the literature, tend to be represented by the Western Media in a negative way, combined with themes like conflict, terrorism, conservatism, bigotry, and fundamentalism. Plus, Islam and Muslims tend to be presented as homogenous entities, without major differences inside the religion and between Muslims, considering Islam and all Muslims on this negative light, which does not correspond to the truth. This dissertation aims to analyse the way that Islam and Muslims are represented by Portuguese Media, taking into account the thematic and content aspect and also by comparing the analysed Media. The results show that the representation tend to be negative, focused on conflict and attacks, but presenting the analysed elements as heterogenous entities. The main differences between the Media relate to their own format and characteristics.

Keywords: Media, representation, Islam, Muslims, *Correio da Manhã*, *Público*

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	i
RESUMO.....	ii
ÍNDICE DE TABELAS.....	iv
ÍNDICE DE SIGLAS.....	v
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. ESTADO DE ARTE.....	5
2.1. <i>MEDIA</i> E IMPRENSA: REPRESENTAÇÃO E <i>AGENDA SETTING</i>	5
2.2. JORNAIS <i>TABLOIDE</i> , DE REFERÊNCIA, <i>GATEKEEPING</i> E NOTICIABILIDADE.....	6
2.3. O ISLÃO: PILARES FUNDAMENTAIS, RAMOS DE DIVISÃO E LEI.....	9
2.4. MOVIMENTOS DE “PURIFICAÇÃO” DO ISLÃO, RADICALIZAÇÃO E TERRORISMO.....	11
2.5. PERSPETIVAS SOBRE A REPRESENTAÇÃO DE ISLÃO E MUÇULMANOS NOS <i>MEDIA</i> OCIDENTAIS.....	13
3. PROPOSTA METODOLÓGICA.....	15
3.1. JUSTIFICAÇÃO DO INTERVALO TEMPORAL E DOS CASOS SELECIONADOS.....	15
3.2. MÉTODO E INSTRUMENTOS DE ANÁLISE UTILIZADOS.....	18
3.3. DESENHO DE PESQUISA.....	19
3.4. COMPILAÇÃO DO <i>CORPUS</i> ANALISADO.....	20
4. ANÁLISE DOS DADOS.....	23
4.1. ANÁLISE TEMÁTICA.....	23
4.2. ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	29
4.2.1. <i>Correio da Manhã</i>	30
4.2.2. <i>Público</i>	36
4.3. ANÁLISE COMPARATIVA DE <i>CORREIO DA MANHÃ</i> E <i>PÚBLICO</i>	41
5. CONCLUSÕES.....	45
6. BIBLIOGRAFIA.....	49
7. ANEXOS.....	I
8. CURRICULUM VITAE.....	III

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 7.1.2. - Número de notícias por intervalo temporal e segundo a fonte.....	I
Tabela 7.1.3. - Distribuição das notícias recolhidas do Correio da Manhã por palavra-chave (n).....	I
Tabela 7.1.4. - Distribuição das notícias recolhidas do Público por palavra-chave (n).....	I
Tabela 7.2.1. - Categorização temáticas das notícias recolhidas do Público e Correio da Manhã nos três intervalos temporais.	II

ÍNDICE DE SIGLAS

- EIL: Estado Islâmico do Iraque e do Levante
- EUA: Estados Unidos da América

1. INTRODUÇÃO

A representação de Islão e muçulmanos nos *Media* é um campo de análise e observação moroso, complexo e controverso. Estudos aplicados noutros países, nomeadamente nos Estados Unidos da América e no Reino Unido, demonstram exatamente este ponto (Brown & Richards, 2016). Outros autores indicam que esta representação é, muitas vezes, enviesada e estereotipada, que associa forçosamente estes dois elementos a terrorismo e a conflito (Samaie & Malmir, 2017). Este discurso acaba por se tornar natural e aceite, enquanto conhecimento de senso comum.

A importância que a representação de Islão e muçulmanos feita pelos meios de comunicação significa não deve ser ignorada. Os *Media* são um elemento determinante na definição do *agenda setting*, isto é, os tópicos considerados como mais relevantes de discussão, no seio da sociedade (Splichal, 1999), e na construção da realidade por parte dos indivíduos (Carter, 2013). Observar a representação que os *Media* fazem sobre o Islão e muçulmanos poderá refletir a opinião pública existente na sociedade. Ou, em oposição, a opinião pública da sociedade sobre estes elementos pode ser um reflexo da representação que é feita pelos *Media*.

Considerando, ainda, os recentes acontecimentos relacionados com o fundamentalismo islâmico na Europa, como o ataque ao *Charlie Hebdo*, uma revista satírica francesa, o tema em causa torna-se particularmente pertinente.

O atentado terrorista ao *Charlie Hebdo* deu-se a 7 de janeiro de 2015, em Paris, tendo provocado 12 mortos e 11 feridos. Foi levado a cabo pelos irmãos Saïd e Chérif Kouachi, nascidos em França e com origem argelina. No mesmo dia, Amedy Coulibaly (francês com origem senegalesa), próximo dos dois irmãos Kouachi, matou um polícia em Montrouge e invadiu, no dia seguinte, um supermercado *kosher* em Porte de Vincennes, onde matou quatro pessoas.

O ataque ao *Charlie Hebdo* terá sido inspirado pela célula do grupo terrorista *al-Qaeda* na Península Arábica (Chérif Kouachi terá, inclusive, informado a BFM TV, canal noticioso associado à CNN, que terá sido treinado no Iémen por este grupo, e o seu irmão terá recebido armas da célula terrorista¹). Por outro lado, Amedy Coulibaly contactou igualmente o mesmo canal noticioso, antes de ter sido morto pela polícia, para declarar que era um membro do Estado Islâmico do Iraque e do Levante.

O atentado à revista satírica foi feito em resposta a um longo histórico de publicações polémicas relacionadas, especialmente, com o profeta Muhammad e que levantaram algumas críticas por parte de grupos e entidades islâmicas. Nestas polémicas, destaca-se a reimpressão, em 2006, de *cartoons* dinamarqueses que representavam o profeta e a publicação, em 2011, de um *cartoon*, igualmente do profeta, sob o título “Charia Hebdo” (Brienza, 2017).

¹ Informação extraída da notícia da CNN publicada a 25 de dezembro de 2017, intitulada “2015 Charlie Hebdo Attacks Fast Facts”: <https://edition.cnn.com/2015/01/21/europe/2015-paris-terror-attacks-fast-facts/index.html>

As reações nacionais e internacionais imediatas a estes atentados, além do repúdio dos mesmos, prenderam-se com a discussão sobre a liberdade de expressão. Daqui partiu o movimento *#JeSuisCharlie* na Internet, mas também foi relevado o debate sobre outras temáticas, como a integração de imigrantes e descendentes de imigrantes nos territórios europeus.

Desde então, houve um aumento do número de atentados em solo europeu cometidos em nome do fundamentalismo islâmico, onde igualmente se deve destacar a forma diversa como os mesmos são executados. São exemplo os atentados de 13 de novembro de 2015, em Paris (com a colocação de bombas junto ao *Stade de France* e o fuzilamento de indivíduos que estavam a assistir a um concerto na sala de espetáculos *Bataclan*), as bombas colocadas a 22 de março de 2016 no metro e no aeroporto de Bruxelas, ou o ataque, com a utilização de um camião contra um mercado de Natal, a 19 de dezembro de 2016, em Berlim. Os três ataques foram reivindicados pelo Estado Islâmico do Iraque e do Levante.

Paralelamente a este fenómeno, cresceram também as vozes europeias críticas do Islão, da presença de comunidades muçulmanas na Europa e também da receção de refugiados, por parte de países europeus, na sequência de uma crescente crise de refugiados. O principal argumento centra-se no medo de a Europa estar a receber indivíduos que poderão cometer atos terroristas, ao mesmo tempo que os “valores europeus” poderão entrar em crise. Este crescimento foi acompanhado por um igual crescimento de movimentos contrários, que advogam por um maior esforço de integração de minorias sociais, abertura a refugiados e promoção do diálogo.

Sobre as vozes críticas do Islão e da presença de muçulmanos na Europa, observa-se que são provenientes de várias áreas, devendo-se, ainda assim, destacar essas mesmas “vozes” que têm origem na área política. Como apontam Stockemer e Barisione (2017), vários partidos europeus de extrema-direita (entre os quais se conta a Frente Nacional, de França), têm cada vez mais advogado por medidas anti-imigração e nacionalistas e por uma mensagem “nós contra eles”. Este crescente sentimento refletiu-se também na opinião pública, como indica Ünver Noi (2015), com o aumento do número de ataques contra símbolos islâmicos e também das tensões entre cidadãos e imigrantes.

Este cenário poderá então, por um lado, ter impacto na representação feita do Islão e de muçulmanos por parte dos *Media*, e, por outro, impactar igualmente a influência que os *Media* têm na construção da opinião pública dos indivíduos: primeiro, como já foi referido, através da definição do *agenda setting*, e depois pela forma e a linguagem utilizadas na discussão e cobertura de determinados assuntos ou acontecimentos.

Pode-se formular, então, a seguinte questão de partida: “Que tipo de representação é transmitida pelos *Media* portugueses sobre o Islão e muçulmanos?”

A partir desta questão de partida é pretendido analisar os seguintes objetivos: 1) observar se a representação dos *Media* portugueses sobre o Islão e muçulmanos é associada, na sua maioria, a temas negativos ou positivos; 2) examinar se a representação difundida pelos diversos *Media* apresenta diferenças no tratamento de Islão e muçulmanos, em relação às linhas temáticas e entre os dois

elementos; 3) identificar se existem diferenças, entre as fontes, nas representações feitas destes elementos.

O primeiro objetivo pretende analisar se a representação do Islão pelos *Media* portuguesas apresenta, na sua maioria, a religião e os seus fiéis relacionados com temas positivos (apresentando mais aspetos do que os relacionados com segurança, terrorismo, conflito e fundamentalismo, como, por exemplo, a integração de minorias muçulmanas e temas culturais) ou negativos (focando o *agenda setting* em assuntos relacionados com segurança, terrorismo, conflito e fundamentalismo, associando estes temas necessariamente a Islão e muçulmanos).

O segundo objetivo tenciona entender se a representação feita sobre Islão e muçulmanos é alinhada, por um lado, com a representação temática identificada no objetivo anterior e, fundamentalmente, observar se existem diferenças (e, a existirem, como se exprimem) na representação entre Islão e muçulmanos.

O último objetivo tem o propósito de aferir se a representação feita do Islão e dos muçulmanos regista diferenças entre as duas fontes que irão ser analisadas, tendo em conta o ponto de vista temático, de conteúdo e também tendo em conta as diferentes características das fontes.

Para a persecução destes objetivos, será feita uma análise temática e de conteúdo às notícias publicadas pelo *Correio da Manhã* e *Público* e recolhidas em três intervalos temporais diferentes.

A presente dissertação procura contribuir para um campo académico, de comunicação, principalmente, mas também político, que, cada vez mais, tem uma posição premente na sociedade e na discussão, assentando numa revisão de literatura e metodológica sólida, procurando igualmente refletir sobre o papel dos *Media* na construção da opinião pública e sobre a importância que análises com estas características têm na compreensão da forma como determinados grupos e minorias são retratados numa Europa com desafios novos e em constante mudança.

A dissertação divide-se em cinco capítulos fundamentais. Será discutido, em primeiro lugar, um enquadramento teórico e conceptual da análise, começando por observar os *Media* e a sua importância, enquanto elementos criadores do *agenda setting* e da opinião pública, seguida de uma análise à religião islâmica e, por fim, serão apresentados diferentes contributos da literatura sobre a representação de Islão e muçulmanos nos *Media*. No terceiro capítulo, haverá uma exposição da proposta metodológica que seguirá a análise.

No quarto capítulo, será feita a análise dos dados, começando pela análise temática às notícias recolhidas nos três intervalos temporais, seguida de uma análise de conteúdo (baseada na utilização das palavras-chave, tendo em conta o seu contexto e sentido) e, por último, será feita uma abordagem comparativa às duas fontes.

Por fim, serão apresentadas as conclusões passíveis de serem retiradas, após a análise feita. Será ainda indicada a bibliografia utilizada e os anexos que dão suporte à dissertação.

2. ESTADO DE ARTE

2.1. *MEDIA E IMPRENSA: REPRESENTAÇÃO E AGENDA SETTING*

Em termos históricos, a imprensa assumiu um papel fulcral no desenvolvimento do pensamento crítico e no acesso a informações políticas por parte da população: nos séculos XVII e XVIII, a imprensa passou de um mediador entre as elites intelectuais de um país para um instrumento de produção do *agenda setting*, tornando-se, como refere Splichal, (2002), um poder intelectual global no século XIX, formando uma opinião pública mais unificada entre a sociedade, relevando um novo debate, desta vez em torno da liberdade da imprensa.

Contudo, a discussão sobre os meios de comunicação, os *Media*, não é recente, podendo ser remontada à Grécia Antiga (relacionada, principalmente, com o poder da comunicação oral e escrita e da retórica). Pode-se, porém, identificar com os anos 50 do século passado a ideia da “revolução na comunicação”, ao dar-se o triunfo definitivo da televisão, enquanto meio de comunicação de eleição, e com os primeiros passos dados por parte dos chamados *mass media* (Briggs & Burke, 2009).

É necessário, então, em primeiro lugar, definir o que é representação, particularmente a representação dos *Media*, o conceito central da investigação. Os *Media*, especialmente no último século, têm verificado um crescimento sem precedentes, para o qual contribuiu a emergência da rádio e da televisão (Carter, 2013). Esta emergência significou uma maior dependência por parte dos indivíduos em relação à informação difundida pelos *Media*, a maior fonte de informações moderna, abrindo portas a um amplo campo de investigação, onde se inclui a forma como os *Media* influenciam a construção das realidades, através da forma como apresentam um determinado fenómeno social (Carter, 2013).

Entende-se a representação dos *Media* como o reflexo feito de uma realidade, sendo que esta reflexão não é livre de valores, ideologia e critérios de manutenção de determinados interesses (Samaie & Malmir, 2017). Isto significa que, segundo Heman e Chomsky (2002), os *Media* espalham determinadas representações que vão ao encontro dos interesses de determinados grupos dominantes na sociedade, sejam estes de carácter económico, social ou político. Este fenómeno implica que outros grupos, sejam minorias populacionais ou minorias políticas, possam enfrentar discriminação ou uma atitude estereotipada por parte dos meios de comunicação (Samaie & Malmir, 2017; Lippmann, 1998), podendo ser, como mencionado anteriormente, uma fonte muito importante na construção da opinião pública dos indivíduos (Splichal, 1999). Vários estudos académicos demonstram que os *Media* tendem a associar-se aos valores e ideologias dominantes na sociedade, o que funciona como rastilho para a representação estereotipada de minorias, sejam elas étnicas, religiosas, ou de qualquer outro tipo (Ahmed & Matthes, 2017).

Esta última característica tem relevância para a presente investigação. Uma das imagens mais frequentemente construída, quando o assunto lida com o Islão e os muçulmanos, é a de uma dicotomia entre nós (os europeus, o mundo ocidental ou o grupo dominante do país) e o outro (o islão, os

muçulmanos). Exemplificando esta representação, Baker, Gabrielatos e McEnery (2013) dão o exemplo do cabeçalho do jornal *tabloide* britânico *Daily Star* do dia 18 de outubro de 2006, onde se afirmava que a BBC colocava os muçulmanos à frente dos britânicos.

Especificando a discussão sobre a importância dos *media* e a representação das realidades sociais por eles feita, tome-se em atenção o caso da imprensa, central na presente investigação.

A ação dos meios de comunicação, como já indicado, acaba por influenciar a definição do *agenda setting* no seio da sociedade. Segundo as palavras de Shaw (1979, *apud* Wolf 1994, p. 130) “em consequência da ação dos jornais, da televisão e dos outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos”. Esta ideia ou hipótese de definição do *agenda setting* sugere que os meios de comunicação, através da sua atividade, “constroem” uma hierarquia que o indivíduo respeita, no que concerne aos temas mais importantes no momento e àqueles que são menos relevantes.

A esta lógica associa-se a ideia de McClure e Patterson (Wolf, 1994), segundo a qual a informação escrita, patente, por exemplo, em jornais, terá uma maior capacidade de construir e solidificar este senso de importância de determinados temas, que a televisão não terá, por transmitir informação de uma forma característica mais breve, heterogênea e fragmentada. Porém, (Wolf, 1994) torna-se difícil poder comparar de uma forma exata este aspeto, pelas especificidades de cada um dos meios de comunicação que afetam a metodologia utilizada (a televisão, como exemplo, centra-se na atualidade, e a sua análise tem em conta quase exclusivamente os noticiários, enquanto que, no caso do jornal, uma determinada notícia é mais aprofundada e contextualizada, e a sua análise é diversa, já que observa publicações diárias e semanais).

Ainda assim, o trabalho de McCombs sugere que a imprensa escrita estrutura e apresenta os tópicos fundamentais do *agenda setting*, sendo o principal meio de comunicação que contribui para a construção do mesmo, ao passo que a televisão dá ênfase aos temas do *agenda setting* (Wolf, 1994).

2.2. JORNAIS TABLOIDE, DE REFERÊNCIA, GATEKEEPING E NOTICIABILIDADE

As características, o formato do meio de comunicação, e em especial na imprensa, poderão influenciar igualmente a forma como é feita a representação de determinadas realidades sociais e até de factos. Sendo assim, é pertinente fazer agora uma distinção entre jornais de referências e os chamados jornais *tabloide*.

Sobre esta questão, González Díez *et all* (2015) indicam que a definição sobre o que será um jornal de referência não é linear e não é consensual, não se podendo reduzir à capacidade de tiragem de um determinado jornal. Para clarificar este ponto, os autores dão o exemplo de vários jornais europeus que definem o *agenda setting* de forma muito forte, como o *The Guardian*, porém, não são os jornais mais vendidos no seu país. Referem, ainda, que se podem distinguir duas categorias principais na

discussão sobre o tipo de jornais: os que se identificam pela sua qualidade (notícias puramente baseadas no seu valor informativo) e os que se reconhecem pela sua popularidade (os chamados jornais *tabloides*, cujo modelo é assente no interesse por parte dos leitores pelas notícias apresentadas “although their intrinsic value may be relative” [González Díez *et all*, 2015, p. 861]). De forma a compreender melhor esta distinção, deve-se ter em conta o trabalho de Ladevèze (González Díez *et all*, 2015), segundo o qual a imprensa de qualidade apresenta notícias de interesse público do cidadão nas suas variadas áreas e a imprensa sensacionalista tenta “chegar” às sensações do indivíduo, apelando ao sentimento, de forma a alcançar o sucesso da sua capacidade de tiragem.

Aceitando esta categorização, outras discussões se levantam. Parte da literatura específica ainda mais cada uma destas categorias, destacando-se o trabalho de Sparks e Tulloch (González Díez *etc all*, 2015). Por outro lado, outros autores preocupam-se com a volatilidade da linha que separa a imprensa de qualidade e a popular ou *tabloide*. Neste contexto, Steinberg apresenta a ideia de que a imprensa popular tende efetivamente a assentar em temas sensacionalistas; contudo, atualmente estes temas são também abordados “by the ‘big press’ and its television and radio discourses” (González Díez *et all*, 2015: 861).

Abordou-se a natureza de representação dos *Media*, a sua capacidade de influenciar a opinião pública dos indivíduos e de definir o *agenda setting*, a importância da imprensa, historicamente e nestes processos enunciados, e, finalmente, discutiu-se as diferentes características da imprensa. Resta agora observar a forma como a notícia chega ao indivíduo, como a informação parte do emissor e chega ao recetor.

Sobre este ponto, talvez o primeiro conceito ou etapa deste sistema que mais importa compreender seja o de *gatekeeping*. Sobre tal, Wolf (1994) oferece uma perspetiva informada e clara sobre este conceito e sobre o debate que existe neste âmbito. O autor identifica a origem deste conceito na investigação Lewin, de 1947, sobre as dinâmicas de grupos sociais no que concerne à alteração de hábitos alimentares. Este termo foi mais tarde utilizado por White² para identificar o elemento que, no processo de produção de uma notícia, faz a seleção das informações que são transmitidas e das que não são (Wolf, 1994).

Uma primeira observação sobre este elemento poderia, justificadamente, levantar uma objeção sobre a sua capacidade de se manter imparcial ao avaliar que notícias são publicadas e quais não são. Mas White debruça-se novamente sobre este possível problema (Wolf, 1994). Realizando um estudo de caso, foi concluído que o *gatekeeper* toma uma decisão de exclusão maioritariamente por razões estritamente profissionais, por não existir espaço para uma determinada notícia, ou por a mesma estar mal escrita, ou por ter uma qualidade fraca. Não obstante, alargando o debate para além da mera seleção da informação que é ou não divulgada, outras conclusões relevantes podem ser retiradas.

² Esta investigação pode ser consultada em White, D.M. (1950). The “Gatekeeper”. A Case Study in the Selection of News. *Journalism Quaterly*, 27 (4), 383-390.

Como indicam Donohue, Tichenor e Olien (Wolf, 1994), o *gatekeeper* tem mais funções além da de seleção: este elemento controla toda a informação e a forma exata como a mesma é transmitida. Seguindo esta sequência de pensamento, Breed trabalha sobre o controlo da linha editorial e a política dos jornais (Wolf, 1994), concluindo que o elemento fundamental deste processo é o próprio grupo de trabalho, que inclui os colegas do jornalista e os seus superiores. Assim, o jornalista acaba por aderir a um conjunto de valores que podem não corresponder necessariamente aos seus, enquanto indivíduo, ou aos do público-alvo, “em vez de aderir a ideais sociais ou profissionais, redefine os seus próprios valores ao nível mais pragmático do grupo redactorial” (Breed, 1955, *apud* Wolf, 1994, p. 164).

Outro aspeto inserido nesta esquemática da observação do emissor de informação que merece ser referenciado é a escolha feita por um jornalista para cobrir um determinado acontecimento, em detrimento de outro. Esta decisão dá-se por um “conjunto de critérios de relevância que definem a noticiabilidade (newsworthiness) de cada acontecimento, isto é, a sua ‘aptidão’ para ser transformado em notícia” (Wolf, 1994: 170). Identificando-se, dentro desta ideia de noticiabilidade, o valor da notícia como um dos critérios que definem essa mesma ideia, importa explorar para a presente investigação os chamados “critérios substantivos”, por Wolf (1994), que se focam na importância e interesse de uma notícia.

Segundo o autor, e em relação ao grau de importância de uma notícia, são quatro as variáveis relevantes: o grau e nível hierárquico de quem está envolvido com o acontecimento (pelo seu papel político, por exemplo, ou social); o impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional; a quantidade de pessoas que o acontecimento envolve; a relevância do acontecimento, tendo em conta o futuro de uma situação.

Já sobre o segundo critério, Wolf, baseando-se no trabalho de Golding e Elliott, afirma que depende da capacidade de a notícia conseguir “entreter” o público, por ser um acontecimento peculiar ou que desperta e consegue manter a sua curiosidade. Neste critério verifica-se o típico exemplo que dita que um cão ter mordido um homem não é motivo de notícia, enquanto que um homem que morde o cão é insólito e relativamente curioso (Wolf, 1994).

Ora, retomando o primeiro critério – a importância da notícia –, torna-se relevante atentar na variável referente ao impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional, e que assume uma especial importância para se compreender a pertinência da investigação a que a presente dissertação se propõe.

A designação desta variável indicia que o público irá atribuir maior importância a acontecimentos associados ao interesse do país ou que sejam próximos do contexto cultural ou geográfico do público (ainda que, em alguns casos, a proximidade cultural seja priorizada em vez da proximidade geográfica).

Esta variável é, portanto, muito significativa. Aplicando-a a esta investigação, pressupõe-se que a emergência de atentados terroristas em solo europeu por parte de fundamentalistas islâmicos implicará uma maior cobertura por parte dos meios de comunicação portugueses tanto a esses acontecimentos, do qual é exemplo o atentado contra a revista Charlie Hebdo, como a assuntos relacionados com o Islão e

os muçulmanos. Do lado do público, o interesse e o senso de importância sobre estes temas e estas ocorrências serão também maiores do que seriam se o facto relatado pelos meios de comunicação se relacionar com os muçulmanos do Sudão, digamos.

2.3. O ISLÃO: PILARES FUNDAMENTAIS, RAMOS DE DIVISÃO E LEI

Convém, agora, tomar em atenção os outros aspetos fundamentais para esta investigação: Islão e muçulmanos.

A génese da religião islâmica pode ser traçada, em termos temporais, ao século VII d.C. e, em coordenadas geográficas, à península Arábica. O profeta Muhammad é considerado, por parte dos muçulmanos, o último profeta do Deus de Abraão que terá vindo transmitir a palavra de Deus, inalterada e definitiva, consagrada no Alcorão.

O termo “Islão” é utilizado para denominar a religião praticamente desde a sua origem, assim como no caso do termo “muçulmano”, que é utilizado igualmente para designar os seguidores da religião desde o século VII. De um ponto de vista etimológico, Islão pode ser entendido como o ato de submissão a Deus, e Muçulmano como aquele que se submete (Lewis & Churchill, 2009).

Aqui, na origem da religião islâmica, Lewis e Churchill (2009) assinalam uma diferença prática importante entre Islão e Cristianismo. Enquanto o Cristianismo não conseguiu alcançar imediatamente uma forma de concentrar poder e exercer autoridade, pelas características da sua origem (Jesus foi crucificado e os seus primeiros seguidores foram perseguidos), no caso do Islão, Muhammad foi uma figura política que fundou e liderou o primeiro Estado muçulmano. O autor conclui, assim, que na Cristandade sempre existiu uma distinção entre duas entidades, o Estado e a Igreja, “sometimes in harmony, sometimes in conflict, sometimes joined, sometimes separate (...) but always two” (Lewis & Churchill, 2009: 5), em oposição ao Islão, que se combina, penetra e confunde com política e Lei.

A religião islâmica assenta, fundamentalmente, em cinco pilares ou obrigações, cujos nomes serão referidos conforme os utilizados pelo ramo Sunita do Islão: 1. A fé num só Deus que é *Allah* e Muhammad é o seu profeta (*Shahada*); 2. O cumprimento das cinco rezas diárias, em direção a Meca (*Salat*); 3. O pagamento do tributo monetário à comunidade, que muitas vezes é depois utilizado como caridade social (*Zakat*); 4. O jejum durante o mês do Ramadão (*Sawm*); 5. A peregrinação a Meca pelo menos uma vez na vida durante o mês islâmico *Dhu'l-Hijja* (*Haji*) (Lewis & Churchill, 2009).

Outro conceito determinante para a compreensão do Islão e muçulmanos é o de *Ummah*. Entendida nos primórdios da religião como a comunidade religiosa e política formada por Muhammad (Ruiz, 2016), nos dias de hoje a sua interpretação é mais complexa. Não pode ser restrita, segundo alguns autores, a um mero debate sobre o que compõe uma Nação ou uma comunidade religiosa. O seu significado tem de ser alargado, compreende o conjunto de pessoas, heranças culturais e credos que compõe a crença islâmica (Saunders, 2008). Já outras posições, como as de Tibi e Khatab (2001 & 2004, *apud* Saunders, 2008), rejeitam este tipo de interpretações, que acabam por colocar uma conotação

política ao conceito de *Ummah* que poderá não corresponder à verdade, preferindo focar o significado do termo na ideia de que *Ummah* corresponde à nação do Islão.

Na discussão sobre a religião islâmica e sobre muçulmanos importa frisar que nem a interpretação do Islão nem os seus praticantes são homogêneos. Uma das centrais diferenças, ou divisões, é a que é feita entre muçulmanos Sunitas e Xiitas.

A origem desta divisão é maioritariamente política. Prendia-se com a sucessão do profeta Muhammad, após a sua morte. O ramo Xiita defendia que a mesma devia permanecer na sua família, sendo assim atribuída a Ali, primo do profeta e marido da sua filha, Fatimah. Por outro lado, o ramo Sunita argumentava que o profeta não indicara nenhum sucessor e, sendo assim, deveria ser seguida a lei islâmica. Foi escolhido Abu Bakr, um companheiro de Muhammad e seu sogro, como Califa, que significa “sucessor do mensageiro de Deus” (Lewis & Churchill, 2009).

Historicamente, os muçulmanos sunitas assumem-se como a grande maioria e os xiitas como a minoria. No mundo muçulmano, os xiitas são a maioria apenas no Irão e Iraque, estando presentes, enquanto minorias, noutros países. Desenvolveram-se, de igual modo, outras divisões entre os dois grupos, especialmente relacionadas com uma sucessão de casos de dominação e subjugação social e política, e dentro dos ramos, destacando-se, no xiismo, as divisões relacionadas com a sucessão após Ali (Lewis & Churchill, 2009).

Recuperando a temática da interpenetração entre Islão e a Lei, torna-se imperioso explicitar um pouco de que forma esta dimensão se manifesta.

O Corão, enquanto palavra direta de *Allah*, é a principal fonte de práticas e regras no que concerne à religião islâmica. Não é, porém, exclusiva. Pelo crescimento da comunidade muçulmana, houve também um aumento do número de fenómenos não cobertos pelo Corão, desde questões da vida comum até problemas governamentais. Deste modo, outro tipo de procedência de práticas islâmicas ganhou maior relevo: as ações e palavras do profeta Muhammad, um ser considerado divinamente inspirado, “his actions and utterances could therefore be cited to clarify, elaborate, and where necessary, even supplement the Koran” (Lewis & Churchill, 2009: 26). Aos precedentes e tradições atribuídas aos profetas é dado o nome de *Hadith*, cujo significado é próximo de “narrativa”. Mas, a complexidade de situações a serem julgadas cresceu, razão para ter sido adotado o procedimento, considerado não infalível, de *ijtihad*, a interpretação independente de um determinado caso ou de uma lei por parte de um *mujtahid*.

Este conjunto de vários procedimentos e fontes criou um corpo extenso de leis, eternas, divinas, e que dizem respeito a todos os aspetos da vida privada, pública e em comunidade. A esta lei divina pode ser dada o nome de *Shari'a*. A sua interpretação e aplicação é algo diferenciada entre os dois grandes ramos do Islão, o ramo Sunita e o Xiita (Lewis & Churchill, 2009).

Como já foi indicado, no mundo ocidental existe uma separação entre a Igreja e o Estado que se materializa na produção humana, por parte do Estado, de leis que regulam a vida mundana. No mundo muçulmano essa era uma distinção inexistente e que, na atualidade, é dificilmente traduzida ou aceite.

A *Shari'a*, em muitos locais, é entendida como a principal fonte da legislação sobre uma grande variedade de áreas, desde a lei criminal até às leis de casamento, além dos assuntos de matéria sagrada. Mesmo após terem sido feitas reformas para instaurar governos constitucionais, o “corte” com a *Shari'a* foi difícil e tumultuoso, estando presente ou sendo referida mesmo nas constituições mais seculares. Dando o exemplo da Revolução Turca de 1908, Lewis e Churchill (2009) demonstram que, inclusive quando se estava a indicar o novo governo do país, era dito que o mesmo era constituído segundo as leis da *Shari'a*.

2.4. MOVIMENTOS DE “PURIFICAÇÃO” DO ISLÃO, RADICALIZAÇÃO E TERRORISMO

Não se pode observar a introdução de secularismo no mundo muçulmano sem ter em conta alguns movimentos islâmicos que procuravam “purificar” o Islão e a relação dos seus fiéis com a religião. Este tipo de movimentos não é um fenómeno recente, sempre aconteceu ao longo da história, alcançaram diferentes graus de sucesso e tendem a crescer mais em momentos de crise (Lewis & Churchill, 2009). Representam a crença de que a verdade sobre a humanidade e Deus, “the essential truth”, está presente em determinados ensinamentos religiosos (Neumann, Arendt & Baugut, 2018: 500).

O crescimento destes movimentos pode ser identificado com alguns aspetos: por um lado, a pobreza, a falta de respeito pelos direitos humanos, a iliteracia e falta de valores democráticos nos países muçulmanos; por outro, o Ocidente também tem a sua quota-parte de culpas, ao ter dificuldade em adotar medidas mais fortes contra a discriminação, e que possam dar espaço ao desenvolvimento natural de outras culturas (Kayani, 2011).

Na modernidade, o Wahhabismo é, talvez, um dos mais importantes e influentes movimentos: emergiu no final do século XVIII, na Arábia, e, com a instauração da monarquia saudita na região, alcançou o poder. É uma resposta contra a *ocidentalização*, que apenas poderá ser combatida com o retorno a uma forma “pura”, autêntica, de Islão. Opõe-se igualmente aos muçulmanos xiitas. O Wahhabismo tem várias vantagens que alguns dos seus competidores não têm ou tiveram: tem o apoio da família real Saud, que governa a Arábia Saudita, um país enriquecido pelo petróleo, e domina as cidades sagradas de Meca e Medina (Lewis & Churchill, 2009).

Outro movimento de maior importância é o que resultou da Revolução Iraniana de 1979. De carácter xiita e liderado pelo *Ayatollah* Khomeini, opunha-se e opõe-se contra a influência do Ocidente, particularmente no país, tendo conseguido operar uma revolução política, social, religiosa e social no Irão.

Contudo, atualmente os movimentos radicais e violentos que nasceram nos anos 80 e 90, e que continuam a crescer, dominam o espaço público de opinião e discussão. Deste grupo de movimentos, que não podem ser desligados dos grupos que lhes precederam (Lewis & Churchill, 2009), destaca-se a Al-Qaeda (e o seu fundador e líder até à sua morte, Osama Bin Laden). A Al-Qaeda é responsável por

um grande número de atentados terroristas quer no mundo muçulmano, quer no Ocidente, ressaltando-se o atentado ao *World Trade Center* e ao Pentágono norte-americano, a 11 de setembro de 2001, através do sequestro de aviões comerciais. Nos últimos anos, outros grupos têm ganho também outro protagonismo, pelo seu tipo de ação, mobilização e inovação, no que a um grupo terrorista diz respeito, como o EIII.

A reação a estes movimentos, por parte de muçulmanos e do Ocidente, tem sido, a vários níveis, complexa e difícil. O primeiro grande problema prende-se exatamente com a designação dada a estes grupos. O termo comumente utilizado é “fundamentalistas”. Porém, este é um termo muitas vezes rejeitado. Quando se relaciona com religião, foi, em primeiro lugar, associado ao Protestantismo Americano, podendo, portanto, sugerir que, em termos de doutrina, há diferenças entre os muçulmanos, semelhantes às diferenças entre os Protestantes e os Católicos, o que não corresponde à realidade (Lewis & Churchill, 2009).

Assim, para caracterizar estes grupos, tem sido mais usado o nome “Islamistas” e, conseqüentemente, as suas posições denominam-se “Islamismo”. Curiosamente, esta denominação chega a ser apoiada pelos próprios, por uma simples razão: constrói uma narrativa de normalização dos mesmos entre a religião islâmica e os muçulmanos, sugerindo que as ideias radicais e violentas constituem uma maioria ou posição dominante entre estes dois elementos. Naturalmente, esta linguagem é rejeitada pela maioria dos muçulmanos, que prefere aceitar o termo “fundamentalistas”, na falta de melhor. Assim, esta investigação usará o termo “fundamentalistas”, para que seja evitada qualquer tipo de conotação negativa indesejada, como a enunciada, em relação ao Islão.

Em termos ideológicos, para estes grupos, a noção de soberania e de fronteiras é um ponto complexo. Sendo fulcrais nas propostas que seguem uma visão do Islão mais política, que pretende reunir os muçulmanos num só espaço, governados por um corpo de influência islâmica, nestes grupos radicais, fundamentalistas e violentos as fronteiras físicas ou a soberania de diferentes países é irrelevante (Adraoui, 2017). A sua existência é considerada pecaminosa, porque divide um sistema que deveria ser uno, representando “the incarnation of Islam as a civilization, state and territory” (Adraoui, 2017: 931). O exemplo do EIII é paradigmático desta posição: o único governo reconhecido como legítimo é o EIII; todos os outros são ilegítimos, independentemente de quem ou que valores os dirigem. Assim, o EIII tem uma atitude expansionista, pretendendo obliterar qualquer tipo de fronteiras ou limites ao seu território (dominando, inclusive, territórios que não são, historicamente, muçulmanos), governando, em última análise, o Mundo, através de um único Califa e Estado (Adraoui, 2017).

Lewis e Churchill alertam que estes grupos radicais e determinados acontecimentos recentes não devem ofuscar duas premissas simples: a maioria dos muçulmanos não é radical e a maioria dos fundamentalistas não é terrorista. Estas duas premissas são muitas vezes esquecidas, fenómeno decorrente, segundo os autores, do facto de alguns líderes muçulmanos não condenarem, de maneira veemente, atentados terroristas perpetrados por grupos radicais terroristas. A própria ideia de fundamentalismo religioso não pode ser, de certo modo, restringida ao Islão. Movimentos

fundamentalistas religiosos encontram-se igualmente no judaísmo, no hinduísmo ou no budismo (Kayani, 2011).

Finalmente, deve-se destacar que a religião islâmica não é a religião de guerra, terror e ódio, como algumas representações tentam passar no mundo ocidental, nem a religião de absoluta paz que outro imaginário proclama igualmente no Ocidente. A verdade encontra-se no meio, “a more accurate portrayal of Islamic attitudes and practices would be, as with most other matters, somewhere between the two extremes” (Lewis & Churchill, 2009: 145).

2.5. PERSPETIVAS SOBRE A REPRESENTAÇÃO DE ISLÃO E MUÇULMANOS NOS *MEDIA* OCIDENTAIS

Posto o que foi apresentado nas secções anteriores, o que diz, então, a literatura académica sobre a representação do Islão, e também dos muçulmanos, por parte dos *Media*?

Em primeiro lugar, pode-se discutir o artigo de Ahmed e Matthes (2017), denominado *Media representations of Muslims and Islam from 2000-2015: A meta-analysis*. Neste artigo, os autores analisam a produção académica feita sobre a representação do Islão e Muçulmanos nos *Media*. Os seus resultados demonstraram que os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 funcionaram como catalisador da produção de literatura académica relacionada com o tema apresentado e como marco para a análise comparativa temporal entre o antes e o depois. Vários estudos apresentaram o terrorismo, as mulheres muçulmanas, a guerra e os migrantes como os temas dominantes nos *Media*, em relação a Islão e muçulmanos e, por fim, foram também feitas análises à relação entre a representação dos *Media* e o aumento ou diminuição da islamofobia nos países ocidentais.

Observando agora o enorme contributo do autor palestino Edward Said (1997), conclui-se que, nos meios de comunicação ocidentais (capazes de filtrar informação e escolher os tópicos a serem especialmente observados sobre determinado assunto), o Islão e os muçulmanos são interpretados de uma forma negativa e homogénea, focando-se em determinados aspetos, como o fundamentalismo, o conflito e combate ao progresso, colocando-os como os únicos a serem observados na religião e nos seus fiéis, generalizando e não olhando para outros aspetos que dão uma visão mais completa.

Vários estudos posteriores demonstram esta representação enviesada e errada. Saeed (2007) indica, ao examinar os *Media* britânicos, que existe a construção da ideia dos “outros”, já apresentada anteriormente por Edward Said, que inclui os britânicos muçulmanos, considerados “falsos nacionais” (Saeed, 2007: 459) ou *outsiders* em relação ao “modo de vida britânico”, relacionando-os com temas como terrorismo e fundamentalismo.

Samaie e Malmir (2017), através de uma análise crítica de discurso dos *Media* norte-americanos (recorrendo igualmente ao método de *Corpus Linguistics*³ enquanto apoio), demonstram que existe essa

³ Informações mais aprofundadas sobre esta ferramenta estão disponíveis no *website* da Universidade de Lancaster

representação errada do Islão e dos muçulmanos, mas os meios de comunicação não podem ser considerados os únicos responsáveis por tal, não podendo ser esquecida a importância de outros fatores, como a dependência de fontes governamentais. A representação de Islão e muçulmanos é também ela diferente, com o Islão a ser identificado com uma conotação frequentemente mais negativa do que a dos muçulmanos. Assim, apesar de ser importante observar esta representação, ela deve ser feita de forma cuidadosa.

Kumar (2016), observando a forma como os meios de comunicação americanos representaram as relações entre os EUA e a Arábia Saudita durante a Guerra Fria, explica que durante este período o Islão e a “união islâmica” tinham uma conotação positiva. Contudo, os atentados do 11 de setembro de 2001 provocaram uma mudança de paradigma, com uma associação do Islão a aspetos negativos por parte dos *Media* americanos, ligando-o frequentemente a termos como “radicais” e “radicalização”, indo ao encontro dos resultados de Sharifi, Ansari e Asadollahzadeh (2017), que, focando-se no caso dos *talk shows* da CNN, concluem que a representação de sociedades islâmicas é tipicamente negativa, com a predominância de palavras como “terrorismo”, “insegurança” e “atraso”.

Deve-se, além disso, ter em conta o contributo de Brown e Richards (2016), que pretendem analisar a perceção de estudantes internacionais muçulmanos em relação à forma como o Islão é representado pelos *Media* britânicos, demonstrando que, em primeiro lugar, os indivíduos que foram alvo de investigação verificam que o Islão tem uma representação negativa, associada ao terrorismo, conservadorismo e pobreza, dificultando ainda a sua integração na comunidade. Em segundo lugar, demonstram que os indivíduos, inconscientemente ou não, percecionam a imagem que é transmitida pelos *Media* em relação a determinada realidade, podendo contribuir para a construção de estereótipos em relação a minorias.

Tornberg e Tornberg (2016), na sua análise do discurso nos *Social Media* por parte de indivíduos suecos, em plataformas online, através de *Critical Discourse Analysis*, concluem que a representação de muçulmanos é homogénea, focada em temas relacionados com conflito e violência (nomeadamente a imigração de indivíduos muçulmanos, a perceção da mulher pelos mesmos, o terrorismo e o abuso sexual e a violência), que são entendidos como características emergentes do Islão. No campo da imigração, os muçulmanos são entendidos como um grupo distinto dentro deste fenómeno, profundamente envolvidos em situações de conflito e negativas, como o terrorismo, a violência e a perceção da mulher por parte de muçulmanos. Os autores indicam que esta representação contribui para a criação da ideia do outro, “an immature and even backward ethnic group that exists in tension – or even incompatibility with what is depicted as Swedish/Western culture” (Tornberg & Tornberg, 2016: 140), abrindo portas a um grande número de outras discussões passíveis de serem tidas, como sobre o facto de esta representação poder ser o reflexo das ideias que são passadas por parte dos meios de comunicação tradicionais.

3. PROPOSTA METODOLÓGICA

O presente capítulo corresponde à exposição dos aspetos associados à metodologia da investigação ou, por outras palavras, aos métodos e processos que conduziram a investigação. Deste modo, em primeiro lugar será feita a justificação dos intervalos temporais escolhidos e dos casos selecionados. Em seguida, será apresentado o desenho de pesquisa, onde se apresentam as estratégias e técnicas metodológicas que foram utilizadas no decurso da investigação.

3.1. JUSTIFICAÇÃO DO INTERVALO TEMPORAL E DOS CASOS SELECIONADOS

Como referência temporal foram escolhidos os seguintes intervalos: os primeiros quinze dias de janeiro de 2015, de janeiro de 2016 e de janeiro de 2017. A escolha do primeiro intervalo temporal justifica-se, primeiramente, por ter sido o ano em que os primeiros atentados terroristas reivindicados pelo EIIL foram cometidos em território europeu, nomeadamente o ataque terrorista, já referido anteriormente, perpetrado por Amedy Coulibaly, a 7 janeiro de 2015, no mesmo dia do mediático atentado ao jornal satírico francês *Charlie Hebdo*, e podendo ressaltar também os sete atentados de 13 de novembro de 2015, entre os quais o ataque na sala de espetáculos *Bataclan*, igualmente em Paris. O ataque terrorista contra o *Charlie Hebdo* simbolizou também um atentado contra os *Media* e contra a liberdade de expressão, o que torna mais relevante analisar a representação que os *Media* portugueses têm feito do Islão a partir deste marco importante.

Em segundo lugar, poderia ser questionado por que razão o EIIL é tão preponderante na definição do intervalo temporal que irá conduzir a investigação. O EIIL apresenta-se como um grupo terrorista “inovador”, em relação a outros grupos terroristas, especialmente a *Al-Qaeda*. Assenta numa campanha próxima das novas tecnologias (Lekas, 2015), particularmente a Internet, do qual é exemplo a partilha de mensagens e vídeos nas redes sociais. Porém, a diferença ou inovação mais marcante é na sua forma de atuação. Mantendo a existência das tradicionais células terroristas, inclusive na Europa, o EIIL detém, também, uma presença territorial significativa na Síria e no Iraque, sendo quase um “proto-Estado” (Scharf, 2016; Nuruzzaman, 2015). Sendo 2015 o ano que marcou o início de atentados cometidos por esta organização na Europa, e em que se registou a sua maior extensão territorial, faz sentido que se localize então o início do intervalo temporal em 2015, o ano de maior sucesso do EIIL e, segundo o *European Islamophobia Report* de 2015⁴, um ano que representou um aumento do sentimento e discurso anti-Islão e antimuçulmanos.

⁴ Uma análise mais detalhada a este fenómeno pode ser encontrada em SETA (2015). *European Islamophobia Report* 2015. Retirado a 23 de março de 2017 de https://www.islamophobiaeurope.com/reports/2015/en/EIR_2015.pdf

A escolha dos intervalos de janeiro de 2016 e janeiro de 2017 deveu-se à sua pertinência numa comparação com os resultados obtidos em relação a janeiro de 2015. Se a primeira quinzena de janeiro de 2015 permitirá ter em conta a reação imediata a acontecimentos, os dois outros intervalos possibilitarão fazer uma comparação entre os três momentos e, além disso, o mês de janeiro de 2015, marcado pelo atentado terrorista ao jornal satírico *Charlie Hebdo*, como foi anteriormente explicitado, poderá mostrar que a representação de Islão e de muçulmanos poderá ter sido influenciada, negativa ou positivamente, pela comunicação social. Por outro lado, os meses de janeiro de 2015 e 2016 destacam-se por já apresentarem uma relativa distância temporal no que concerne a atentados terroristas islâmicos perpetrados em solo europeu.

A pesquisa foi restringida aos quinze dias atrás enunciados por uma razão prática. Uma análise maior, em termos temporais, como seria todo o mês de janeiro ou todo o ano de 2015, 2016 e 2017, seria impraticável e acarretaria um alto esforço logístico, humano e temporal.

Além destes dois pontos, pode-se também destacar a “quebra” do EIL nos anos de 2016 e 2017, enquanto autoproclamado Califado (Hashim, 2014) e como um quase “proto-Estado”, ao sofrer derrotas sucessivas e, conseqüentemente, perder território que até então era dominado pela organização.

Todos estes fatores foram considerados quando se discute a representação de Islão e muçulmanos na comunicação social europeia e, em particular, a portuguesa. Devido ao seu impacto mediático, oportunamente referido, estes elementos poderão influenciar ou moldar esta mesma representação, pelo que a análise de um intervalo temporal demasiado restrito, como seria analisar exclusivamente os quinze dias de janeiro de 2015, correria o risco de se tornar redutora.

Foram escolhidos, enquanto casos de estudo, dois jornais diários de informação geral, com uma audiência superior a 3% no intervalo registado, segundo os dados da empresa de estudo de mercado *Marktest* (2017)⁵, concretamente os jornais *Correio da Manhã* (jornal generalista diário pertencente ao grupo *Cofina* e com audiência média de 11,3%) e *Público* (jornal de informação geral diário detido pelo *Público Comunicação Social SA*, pertencente ao grupo *SONAE*, com 4,1% de audiência média). O critério de seleção adotado – critério da audiência – fundamenta-se na premissa de que chegando estes jornais a um maior número de população, poderão ter, por conseguinte, um maior impacto e relevância junto dos indivíduos. O *Correio da Manhã* é o jornal diário de informação geral líder de vendas em Portugal, e o jornal *Público* ocupa o terceiro lugar nessa mesma lista. Embora o segundo lugar seja ocupado pelo *Jornal de Notícias*, este foi excluído por ser um jornal com uma forte tradição regionalista, dando, assim, lugar ao jornal *Público*, que tem uma abordagem mais nacional.

Outro critério que orientou esta decisão foi a seleção de dois jornais que, pelas suas características, apresentam diferenças entre si que tornam a comparação entre os mesmos mais rica e relevante.

⁵ Dados referentes aos divulgados pela *Marktest* em dezembro de 2017 (segunda vaga de dados anuais do Bareme Imprensa)

A análise do jornal *Correio da Manhã* é significativa, pelo nível da sua tiragem e pelo seu formato *tabloide*, ou popular, onde uma notícia poderá ser considerada importante não só pelo seu valor informativo, mas também pela sua capacidade de “mexer” com o sentimento do público.

Por outro lado, o jornal *Público* segue uma linha de jornal de referência, que pretende que o foco se centralize exclusivamente no valor informativo das notícias, tendo em conta o interesse público do leitor enquanto cidadão (González Díez *et al*, 2015).

Assim, é possível efetuar um paralelismo entre a representação feita em jornais de referência e *tabloide*, um fator que, como demonstrado na secção da revisão de literatura, deve ser considerado na análise que a presente investigação propõe.

Os artigos noticiosos recolhidos foram publicados em plataformas *online* de ambos os jornais, podendo ter sido, ou não, publicados na versão impressa. A opção por esta vertente deu-se por duas razões fundamentais: por um motivo mais prático (o acesso facilitado, por parte do investigador, às notícias publicadas, ao invés da pesquisa dos artigos publicados nas versões impressas dos jornais, que obrigaria a uma procura “um a um”); e por um motivo de impacto no público, isto é, o seu alcance e disseminação. Este segundo motivo baseia-se nos dados que apontam para a crescente importância do acesso a jornais de forma digital e também à crescente aposta dos jornais nestas ferramentas. A *Marktest* (2017)⁶ indica que 67,7% dos utilizadores de *Internet*, com mais de 15 anos, residentes no Continente e que costumam ler pelo menos uma publicação noticiosa em papel ou digital, ler notícias nas redes sociais e utilizar o *Facebook*, seguem páginas de jornais ou revistas no *Facebook*. Outros dados demonstram que o número de indivíduos que contactam com a imprensa de modo exclusivamente digital (excluindo, portanto, os casos em que há contacto tanto com a imprensa física como digital) é de 1,2 milhões (*Marktest*, 2017)⁷.

Foram escolhidas as notícias que incluíssem os termos “Islão”, “Muçulmanos”, “Islâmico” e outras palavras relacionadas (como, por exemplo, inflexões de género e de número), e que respeitassem o sentido que se pretende das mesmas para a presente investigação. Logo, foram excluídas notícias que incluíssem a palavra “muçulmana” no sentido de se referir apenas à Irmandade Muçulmana, porque a sua utilização diz respeito a uma organização e não a muçulmanos, enquanto indivíduos. Do mesmo modo, foram incluídas notícias que utilizassem a palavra “Islâmico” porque remete para Islão e ao que lhe diz respeito, e foram excluídas as que apenas tivessem as palavras “Islamista” ou “Islamismo”, porque são utilizadas frequentemente pela literatura científica e pelos *media* para se referirem a Islão, enquanto ideologia e modelo político, e não enquanto religião. Estes critérios foram utilizados de maneira a tornar a pesquisa a mais imparcial, rigorosa e transparente possível, e para evitar que os resultados finais relativamente à representação de Islão e muçulmanos pudessem ser deturpados.

⁶ Dados divulgados pela *Marktest* referentes ao estudo Bareme Imprensa Crossmedia de 2017

⁷ *Idem*

3.2. MÉTODO E INSTRUMENTOS DE ANÁLISE UTILIZADOS

O discurso é um aspeto relevante a ser estudado quando o objetivo é descortinar uma determinada representação feita por atores políticos, organizações, documentos ou meios de comunicação. Como apresenta Eggins (1994, *apud* Gabsi 2015), o discurso, a linguagem e os conceitos utilizados são influenciados, mesmo que de forma inconsciente, pelos valores, preconceitos e pela própria perspetiva do orador. O discurso é estruturado por relações de dominação, de poder. Quando proferido pelos órgãos dominantes da sociedade, o discurso pretende construir e tomar como norma uma determinada visão sobre uma realidade social, “dominant structures stabilize conventions and naturalize them” (Wodak, 2006: 3).

Para alcançar os objetivos propostos pela investigação, que se prendem com a análise de conteúdo do discurso dos *media*, foi utilizado o método da análise crítica de discurso.

Wodak (2006) reforça que esta metodologia de investigação permite compreender a relação entre discurso e poder, considerando o discurso feito por parte de instituições, atores políticos e por meios de comunicação, que poderá revelar relações de conflito, subjugação, discriminação, poder ou controlo.

A análise crítica de discurso não se preocupa unicamente com o discurso literal; além do significado subjacente à linguagem utilizada, o contexto em que o mesmo é proferido, de cariz social, histórico ou político, é também tido em conta (Wodak, 2006).

Assim, o método da análise crítica de discurso poderá ser utilizado para desconstruir estas construções sobre a realidade social ou preconceitos, promovidos, nomeadamente, pelos meios de comunicação

A principal crítica que se pode apontar à análise crítica de discurso prende-se com a sua subjetividade e com o possível enviesamento do autor (Wodak, 2006; Tornberg & Tornberg, 2016). Trata-se de uma crítica válida e relevante, tendo em conta as características do método em questão.

Aceitando, portanto, a crítica indicada, e não rejeitando a ideia de que, com qualquer método de investigação em ciências sociais, não é possível garantir uma análise sem qualquer subjetividade e enviesamento, o objetivo do investigador deverá ser reduzir o enviesamento controlável pelo mesmo. Para tal ser possível, em primeiro lugar, esta investigação teve sempre presente, enquanto apoio, literatura concernente à metodologia utilizada e também próxima do tema e objetivos da investigação, que será fulcral na interpretação qualitativa dos dados.

Em segundo lugar, a recolha dos dados e a sua análise teve, também, uma forte componente de interpretação de padrões, particularmente padrões temáticos, que, pela sua natureza, é menos propícia à subjetividade.

Como instrumento de apoio à análise foi escolhido o *software* informático *Nvivo* versão 12 Mac, produzido pela *QSR International* e disponível no Laboratório de Ciências da Comunicação do ISCTE-IUL. O *software Nvivo* é extremamente útil numa investigação que pretenda ser de carácter qualitativo,

especialmente quanto maior for o número de dados, fontes ou entrevistas recolhidas. Permite criar um *codebook*, um documento com os dados codificados, por exemplo, pela sua temática ou pela palavra-chave à qual estão associados. Este tipo de classificação facilita a estruturação da informação que, feita manualmente, tomaria uma enorme despesa de tempo e estaria mais facilmente sujeita a falhas. Outra vantagem dada pela utilização do *Nvivo* é a possibilidade de observar e hierarquizar o peso que cada um dos atributos, categorias ou temas tem no todo dos dados.

Resumindo, a utilização da ferramenta *Nvivo* possibilitou a organização e codificação da informação para, posteriormente, ser mais facilmente analisada, utilizando um método qualitativo. Não é um fim em si mesmo, não dá resultados em si mesma; é antes um meio para atingir um fim.

3.3 DESENHO DE PESQUISA

Na investigação aqui apresentada, os métodos utilizados foram de carácter qualitativo, com a análise de discurso dos *Media* (*Media Discourse Analysis*), usando, enquanto ferramentas de suporte do método apresentado, o *software* informático *Nvivo* e os próprios motores de busca dos jornais examinados, que permitem encontrar todas as notícias publicadas *online* pelo *Público* e *Correio da Manhã* no espaço de tempo determinado e seguindo as palavras-chave definidas pelo indivíduo. O acesso a ambas as ferramentas foi disponibilizado pelo Laboratório de Ciências da Comunicação do ISCTE-IUL.

A análise crítica de discurso dos *Media* é uma abordagem, uma técnica que permite identificar fenómenos sociais que se manifestem através do discurso (Samaie & Malmir, 2017). O discurso dos *Media* pode ser a base, o reflexo, de problemas e relações sociais, nomeadamente relações de dominação, sexismo ou racismo (van Dijk, 1985). É, por isso, adequado para responder à questão de partida a que esta investigação se propõe, podendo dar uma resposta sobre a representação propagada sobre o Islão pelos *Media* portugueses e os possíveis fenómenos sociais revelados. Os contributos de Krippendorff (2004) e van Dijk (1993), enquanto importantes linhas orientadoras, serão tidos em conta na aplicação da metodologia de análise crítica de discurso.

Assim, o método da análise crítica de discurso possibilitou, neste caso, ao investigador realizar uma observação ao significado mais intrínseco da linguagem utilizada, considerando os valores e o contexto em que a mesma é utilizada, e tendo como objetivo, muitas vezes, construir um determinado olhar sobre uma realidade social (Gabsi, 2015): a linguagem pode permitir adquirir poder, nomeadamente na influência da opinião pública da sociedade.

3.4 COMPILAÇÃO DO *CORPUS* ANALISADO

A seleção das notícias incluídas no *corpus* seguiu um processo rigoroso, apoiado em literatura relevante para o tema em causa e para a metodologia utilizada, como é o caso da investigação de Samaie & Malmir (2017).

Deste modo, em primeiro lugar efetuou-se uma pesquisa de notícias, através das palavras-chave “Islão”, “Muçulmano”, “Muçulmana”, “Muçulmanos” e “Muçulmanas”, nos respetivos motores de pesquisa do jornal *Correio da Manhã* e do jornal *Público*, publicadas nos três momentos temporais analisados. A escolha destes termos deve-se a duas razões fulcrais: a sua abrangência evita algum possível enviesamento que poderia ser dado pela escolha de outras palavras mais específicas, e respeita os objetivos da investigação; em segundo lugar, a restringência a estes termos permite colocar alguns limites necessários à escala da pesquisa. Foram ainda aceites artigos que apenas tivessem a palavra “Islâmico”, na medida em que a mesma remete para algo no âmbito do Islão, e também com os termos “anti-Islão” e “antimuçulmanos”

Outro critério de exclusão de artigos noticiosos foi o da eliminação da pesquisa de artigos de opinião ou entrevistas, que foram agregados pelos próprios motores de pesquisa. Este critério foi aplicado porque, em primeiro lugar, os artigos de opinião não transmitem uma notícia e não representam a posição ou representação oficial de um meio de comunicação e, em segundo lugar, uma entrevista é composta, essencialmente, pela opinião do entrevistado, logo, uma análise da mesma apenas remeteria para a objetividade e qualidade do jornalista, enquanto entrevistador, e não para a representação do Islão e muçulmanos, como é fundamentalmente pretendido.

O número total de notícias recolhidas é de 193⁸. Estes números já contemplam as exclusões de notícias agregadas pelo motor de busca que fossem entrevistas, artigos de opinião, repetidos ou não, que incluíssem as palavras-chave para a investigação. De notar, ainda, que o número total de artigos recolhidos nas duas fontes, em cada um dos intervalos analisados, é, de uma forma global, equilibrado.

As notícias recolhidas foram inseridas no *software* informático *NVivo*, a fim de ordenar, categorizar e facilitar a análise.

O primeiro passo foi a codificação de todas as notícias em relação à palavra à qual estão associadas. Ou seja, uma notícia que no seu corpo tivesse a palavra “muçulmano”, ou a sua variante de género ou de número, foi codificada no grupo da palavra-chave “Muçulmanos” e, por outro lado, outra notícia que tivesse a palavra “Islão” ou “islâmico” foi codificada no grupo “Islão”⁹. Nos casos de notícias que no seu corpo tivessem mais do que uma palavra-chave, foram alocadas num dos grupos, tendo em conta a maior importância de uma das palavras-chave, de acordo com a natureza da notícia, por se referir maioritariamente a muçulmanos ou ao Islão, dando então maior centralidade a essa mesma *keyword*.

⁸ Para consultar a distribuição das notícias por intervalo temporal e por fonte, consultar a tabela 7.1.1., nos anexos

⁹ Esta codificação pode ser consultada nas tabelas 7.1.2. e 7.1.3, nos anexos

Este tipo de codificação é utilizado na literatura, destacando-se Samaie e Malmir (2017), que utilizaram este critério, tendo sido aplicado aos cabeçalhos dos artigos noticiosos recolhidos.

Após este primeiro passo, foi feita uma categorização dos artigos recolhidos, de acordo com a sua temática. Para tal, fez-se uma pesquisa das palavras mais utilizadas nos artigos noticiosos, em cada um dos intervalos temporais e tendo em conta o meio de comunicação de origem.

Observando as palavras mais utilizadas (e fazendo depois uma triagem dos artigos agregados às mesmas), foi possível definir as temáticas que maioritariamente definem cada um dos intervalos temporais no *Público* e no *Correio da Manhã*. Contudo, naturalmente nem todas as notícias foram alocadas num destes temas dominantes, por abordarem outros assuntos. Assim sendo, estes artigos foram, em seguida, colocados em novas categorias temáticas. Foi também aceite que algumas notícias fossem colocadas em mais do que um tema, podendo dar-se o exemplo de uma notícia que trate do ataque ao *Charlie Hebdo* e seja agregada às temáticas “Charlie Hebdo” e “Terrorismo”.¹⁰

Finalmente, foi ainda feita uma pesquisa da utilização das palavras-chave nos artigos recolhidos, tendo em conta a fonte de origem e o intervalo temporal, de forma a ter acesso a todos os contextos e sentidos em que as palavras foram usadas, de modo a agilizar o processo da análise de conteúdo, facilitando uma pesquisa que seria, caso fosse feita manualmente, demasiado morosa, tendo em conta a quantidade de notícias recolhidas.

¹⁰ Os resultados da categorização das notícias recolhidas estão disponíveis na tabela 7.2.1., nos anexos

4. ANÁLISE DOS DADOS

Escolhendo ter, em primeiro lugar, uma visão mais quantitativa em relação aos resultados da pesquisa empírica realizada, há duas conclusões principais que se devem destacar: entre as duas fontes o número de notícias recolhidas é equilibrado e, em segundo lugar, existe uma diferença assinalável no volume de notícias recolhidas no primeiro intervalo em análise e nos dois restantes, com superioridade no primeiro.

Esta segunda conclusão demonstra um aspeto importante: o volume de notícias sobre o Islão e muçulmanos foi maior num período conturbado, marcado por atentados terroristas. Esta era uma conclusão que já se perspectivava: estes acontecimentos, pela sua mediatização, marcaram o *agenda setting* e foram colocados como um assunto prioritário a ser coberto pelos meios de comunicação.

Os primeiros quinze dias do mês de janeiro de 2015 representaram a reação inicial aos atentados terroristas de 7 de janeiro de 2015, sendo, portanto, esperado que o volume de notícias produzido, por parte dos dois meios de comunicação, seja elevado. O cerne da questão encontra-se, então, num outro ponto, mais fraturante, e cuja análise poderá obter resultados que melhor se acrescentem ao tema: em vez de o foco ser na quantidade de notícias produzidas, concentrar-se na qualidade das mesmas. Na representação, na imagem da realidade que é transmitida, seja através de uma abordagem mais temática ou de conteúdo. As secções seguintes do presente capítulo pretendem realizar esta análise, tanto em relação ao primeiro intervalo temporal como em relação aos outros dois, porque a forma como uma representação pode mudar, ou não, ao longo do tempo, dá também respostas relevantes de serem estudadas.

4.1. ANÁLISE TEMÁTICA

Na presente secção pretende-se tratar a análise temática das notícias recolhidas das duas fontes (*Correio da Manhã* e *Público*) nos três intervalos temporais.

Para analisar este aspeto, no *software Nvivo* os artigos noticiosos foram agrupados de acordo com a sua temática, como foi descrito de uma forma mais detalhada no anterior capítulo, cujos resultados irão conduzir o fio da presente secção. Importa, mais uma vez, recordar que uma notícia pode ter sido alocada em mais do que uma temática, pelo seu conteúdo se inserir em mais do que um tema.

Relativamente ao primeiro intervalo temporal, verifica-se que há três grandes temáticas (sendo que duas delas estão intrinsecamente relacionadas entre si) que se destacam em ambos os jornais: conflitos e atentados terroristas, notícias relativamente ao *Charlie Hebdo* e sobre liberdades fundamentais (religião, expressão, imprensa...). Em ambos existe uma relação forte entre as notícias que se referem a conflitos e atentados terroristas e as que se relacionam com o *Charlie Hebdo*.

A explicação para tal é simples. Como já foi referenciado, o ataque à revista satírica *Charlie Hebdo* foi um acontecimento que dominou o *agenda setting* e, por consequência, aumentou a produção

de notícias relacionadas com a revista (como exemplos, pode-se indicar, no *Correio da Manhã*, a notícia intitulada “As polémicas do ‘Charlie Hebdo’”¹¹, e, no jornal *Público*, a notícia “*Charlie Hebdo*, um jornal pronto a avançar contra todos os tabus”¹²) e com o ataque perpetrado contra a revista, noticiando o próprio atentado ou os seus culpados e outros desenvolvimentos.

A presença da temática relacionada com liberdades fundamentais poderá ser demonstrativa também da crescente importância da discussão sobre a liberdade de expressão e de imprensa (pelas características do atentado contra o *Charlie Hebdo*), e de religião, por esse mesmo atentado ter sido realizado por fundamentalistas islâmicos. Um aspeto relevante neste grupo prende-se com a cobertura do crescimento de movimentos anti-Islão e de ataques contra muçulmanos, mas apresentando igualmente que, nesta reação imediata aos ataques de 7 de janeiro de 2015, houve um movimento contrário, recetivo ao Islão, a muçulmanos e, inclusive, a refugiados. Exemplificando, considerem-se as notícias intituladas “Muçulmanos são ‘as primeiras vítimas do fanatismo’, diz Hollande”¹³ e “Alemanha mobiliza-se contra manifestações anti-islão: ‘Bem-vindos refugiados’”¹⁴, do jornal *Público*, e a notícia “Milhares nas ruas contra islamofobia”¹⁵, publicada pelo *Correio da Manhã*.

Estes três temas são as grandes linhas orientadoras do primeiro intervalo temporal em ambas as fontes, que dominaram o espaço noticioso, no que concerne ao Islão e muçulmanos, tendo havido muito pouca abertura para outras temáticas.

Em relação ao intervalo dos primeiros quinze dias do mês de janeiro de 2016, uma primeira observação que se pode retirar é que, além da menor quantidade de notícias relacionadas com Islão ou muçulmanos, existe uma maior variedade temática, no caso do jornal *Público*, e novos temas em ambos os jornais. Verifica-se, ainda, que foram produzidas mais notícias que cobriram movimentos ou posições negativas em relação ao Islão, muçulmanos e refugiados (um ponto importante, já que muitas vezes a oposição a refugiados é baseada num alegado medo de fundamentalismo islâmico).

Contudo, importa observar as duas fontes detalhadamente, pois existem diferenças ou particularidades neste intervalo, que devem ser compreendidas, de modo a responder ao primeiro objetivo da presente investigação.

Começando pelo *Correio da Manhã*, observa-se que o maior tema é o de “Conflitos”, ou seja, foram produzidas mais notícias relacionadas com confrontos, conflitos ou ataques, desde notícias sobre atentados terroristas realizados por fundamentalistas islâmicos (“Ataque na Líbia faz mais de 60 mortos”¹⁶), até questões mais relacionadas com a política e disputas internacionais (“Irão acusa Arábia

¹¹ *Correio da Manhã*, 7 de janeiro de 2015

¹² *Público*, 7 de janeiro de 2015

¹³ *Público*, 15 de janeiro de 2015

¹⁴ *Público*, 6 de janeiro de 2015

¹⁵ *Correio da Manhã*, 7 de janeiro de 2015

¹⁶ *Correio da Manhã*, 7 de janeiro de 2016

Saudita de atacar a sua embaixada no Iémen”¹⁷). Por outro lado, realça-se que o outro grande grupo temático tem também um peso significativo, relacionado com o discurso de movimentos e atores políticos sobre Islão e muçulmanos, conforme indica a tabela 7.2.1. Aqui, distinguem-se três tipos de subtemas, que irão ser apresentados.

Em primeiro lugar, as notícias que se referem a posições de Donald Trump, então candidato às primárias do Partido Republicano para escolher o candidato do partido às eleições presidenciais de 2016 dos EUA. Em segundo lugar, a cobertura de movimentos ou discursos de atores políticos contra a islamofobia, que advogam pela abertura a refugiados, e de reação contra as já referidas posições de Trump. Por fim, foi também publicada uma notícia respeitante à atitude assumida, em particular pela Eslováquia, sobre a entrada de refugiados muçulmanos na Europa (“Eslováquia agrava posição em relação a refugiados muçulmanos”¹⁸).

Num espetro diferente, foi igualmente produzida uma notícia que não se inclui em nenhuma destas temáticas, mas sim numa temática de “Desporto”, intitulada “Angústia islâmica dos guarda-redes”¹⁹. Porém, pela sua temática e pelo seu conteúdo, acaba por ser um *outlier*, pois a particularidade de o desportista em questão ser muçulmano assume um papel preponderante sobre o papel de jogador, numa notícia que se diferencia ainda das restantes do mesmo intervalo temporal por não ser o relato de um acontecimento.

Passando agora ao caso das notícias do jornal *Público* do segundo intervalo temporal, numa primeira observação mais superficial observa-se que existe uma maior distribuição temática, tanto na quantidade de temas como na quantidade de notícias que cada um agrega.

Ainda que a maior temática seja a de “Fundamentalismo Islâmico e Terrorismo”, agregando dez notícias, os dois segundos maiores temas referem-se a notícias sobre a Arábia Saudita e Irão, numa perspetiva mais relacionada com a política internacional e menos fundamentalmente ligada a Islão ou muçulmanos. Podem ser dadas como exemplo destes dois temas as notícias “Arábia Saudita corta relações diplomáticas com o Irão”²⁰ ou “Cineastas apelam à libertação do realizador iraniano Keywan Karimi”²¹. Os restantes temas que abrangem mais de uma notícia referem-se a discursos e posições anti-Islão e antimuçulmanos, ao *Charlie Hebdo*, à política norte-americana e ao fenómeno da imigração forçada e refugiados.

Finalmente, identificaram-se ainda dois temas com apenas uma notícia agregada: o primeiro sobre liberdades fundamentais (religião, expressão, imprensa...), e o segundo sobre criminalidade nas

¹⁷ *Correio da Manhã*, 7 de janeiro de 2016

¹⁸ *Correio da Manhã*, 7 de janeiro de 2016

¹⁹ *Correio da Manhã*, 10 de janeiro de 2016

²⁰ *Público*, 3 de janeiro de 2016

²¹ *Público*, 8 de janeiro de 2016

ações da ONU, mais especificamente sobre a prática de crimes de capacetes azuis da ONU na República Centro-Africana.

Já sobre o último intervalo em análise, no caso do *Correio da Manhã* existe uma variedade temática muito baixa, algo que também poderá ser explicado pela pouca quantidade de notícias produzidas neste intervalo temporal.

O maior tema categoriza notícias que se referem a conflitos e terrorismo, seguido da temática “Discurso de Trump sobre muçulmanos” e por “Islamofobia”. Há ainda uma notícia que não se enquadra em nenhum destes temas, sendo mais relacionada a uma temática de cultura e turismo, intitulada “Beleza Alentejana”²². Nesta notícia o Islão é referido pela sua herança histórica, pelo passado muçulmano da cidade de Mértola.

No caso do *Público*, há uma maior dispersão temática, mais uma vez, das notícias neste intervalo, apesar da sua pouca quantidade. O tema “Atentados Terroristas do ISIL” é o maior, mas com uma vantagem mínima (de quatro contra três notícias) em relação às duas temáticas que se seguem, “Cultura” e “Relações Portugal-Índia”. Por fim, os dois últimos temas são constituídos por duas notícias cada, sendo eles o “Fenómeno Donald Trump”, referindo-se ao efeito que Donald Trump e a sua presidência provocaram na política e nas sociedades ocidentais, e o tema “Muçulmanos nas sociedades europeias”.

Ora, analisando os dados dos três intervalos temporais, a primeira conclusão a retirar é que existe um domínio quase total e transversal aos três intervalos temporais e às duas fontes de temas negativos nas notícias relacionadas com Islão ou muçulmanos. No primeiro intervalo, por razões já abordadas, este domínio tem uma justificação facilmente identificável: os atentados de 7 de janeiro de 2015 foram um evento marcante, que influenciou de sobremaneira o *agenda setting*. Um exemplo prático deste efeito encontra-se na forte presença da temática relacionada com liberdades fundamentais, em ambos os jornais, principalmente em relação à liberdade de expressão e de imprensa (por o atentado mais mediático ter sido realizado exatamente contra a revista satírica *Charlie Hebdo*), e de religião, já que ambos os atentados foram perpetrados por indivíduos inspirados por grupos radicais e violentos associados ao fundamentalismo islâmico.

Este é o intervalo que mais de perto consegue refletir a reação imediata a estes ataques e provocou um aumento na cobertura de notícias relacionadas com Islão ou muçulmanos (incluindo, obviamente, a própria cobertura dos ataques, das suas circunstâncias e dos seus desenvolvimentos). A dispersão temporal das notícias deste intervalo são um indicador deste fenómeno: no *Correio da Manhã*, num total de 51 artigos, apenas 6 foram publicados antes do dia 7 de janeiro; no caso do jornal *Público*, em 65 notícias, 3 foram publicadas antes do dia 7 de janeiro.

Em relação ao segundo intervalo temporal, verifica-se que existe uma maior variedade temática, para o qual contribuiu o efeito das eleições presidenciais norte-americanas. No caso do *Correio da*

²² *Correio da Manhã*, 9 de janeiro de 2017

Manhã, identifica-se imediatamente que o grande tema, “Conflitos”, prende-se com notícias relacionadas com ataques, atentados e também divisões e conflitos entre muçulmanos ou entre este grupo e outros (como, por exemplo, é relatado na notícia “Confrontos entre polícia e manifestantes do Kosovo”²³).

Refletindo sobre o efeito das eleições presidenciais norte-americanas, conclui-se que existe algum peso de notícias que se referem às posições de Trump sobre muçulmanos, nomeadamente em relação à sua sugestão de suspensão temporária de entrada nos EUA de indivíduos muçulmanos provenientes de determinados países. Estas notícias tanto cobrem as posições de Donald Trump como as reações de outros elementos às mesmas, como é o caso da notícia “Obama graceja sobre possível discurso do Estado da União de Trump”²⁴.

Outra temática, que se pode considerar como algo próxima da que se referiu no anterior parágrafo, prende-se com a islamofobia e posições perante migrantes e refugiados. Este aspeto reflete o clima de tensão vivido, que tem levado ao ressurgimento e crescimento de alguns movimentos conotados com a extrema-direita. Contudo, é de salientar que neste intervalo temporal foi também feita a cobertura de movimentos e manifestações anti-islamofobia e de abertura aos refugiados.

Com o agravar da chamada crise dos refugiados, no ano de 2015, observou-se um crescimento do espaço da opinião pública e dos *media* dedicado a este tema, que se pode observar nas temáticas identificadas no jornal em análise neste intervalo temporal.

Sobre o caso do jornal *Público* no segundo intervalo temporal, verifica-se que existe uma extensa dispersão temática, sendo que os principais temas, o de “Fundamentalismo Islâmico e Terrorismo” e os relacionados com Irão e Arábia Saudita, na perspetiva do conflito e corte de relações existente entre os dois países, têm uma conotação negativa e transparecem uma ideia de conflito e de disputa regional na chamada zona do Médio Oriente e Norte de África.

Assim como no *Correio da Manhã*, existe a presença de um tema relacionado com a crescente islamofobia, que, mais uma vez, reflete um determinado contexto social e político vivido na Europa, tal como o tema “Política Norte-Americana”, associado ao, já discutido, fenómeno ou impacto criado pelas eleições presidenciais dos EUA.

Importa ainda fazer uma pequena nota final, mencionando a presença de notícias que se referem ao *Charlie Hebdo* e ao ataque sofrido pela revista e do tema “Criminalidade nas ações da ONU”, que agrega uma notícia que reporta a acusação a capacetes azuis da ONU que terão praticado abusos na República Centro-Africana, o que acaba por destoar de o que se pode considerar como um sentido geral das notícias publicadas neste intervalo temporal.

Sobre o terceiro e último intervalo temporal, pode-se considerar as notícias recolhidas do *Correio da Manhã* associadas a temáticas que acabam por seguir a linha dos dois anteriores intervalos

²³ *Correio da Manhã*, 9 de janeiro de 2016

²⁴ *Correio da Manhã*, 12 de janeiro de 2016

temporais. Os temas identificados são, na sua maioria, negativos, ou seja, englobam notícias que tendem a abordar questões negativas em relação a Islão ou muçulmanos.

No caso do *Público*, a situação é algo diferente. Manifestando, mais uma vez, a dispersão temática igualmente sentida no intervalo do ano de 2016, o tema em maior foco diz respeito a “Atentados Terroristas do ISIL”. Porém, os dois temas que se seguiram foram o da “Cultura” e o de “Relações Portugal-Índia”. Esta observação é bastante relevante, considerando a maior dominação de temáticas negativas, principalmente relacionadas com conflitos, guerra, fundamentalismo islâmico e terrorismo, nos outros intervalos e de maneira transversal às duas fontes.

Ainda de notar a presença do tema “Muçulmanos nas sociedades europeias”. Trata-se especialmente de notícias que reportam questões mais associadas à integração e vida de muçulmanos nas sociedades europeias. Neste caso em particular, é noticiado que os serviços de saúde para grávidas em Portugal não são de acesso fácil a imigrantes, entre os quais os imigrantes provenientes do Bangladesh, e que muçulmanas na Suíça são obrigadas, após decisão do Tribunal Europeu dos Direitos Humanos, a frequentar aulas de natação mistas na escola.

Em jeito de conclusão deste ponto de discussão, constata-se, em primeiro lugar, que há um predomínio de temas negativos, especialmente em relação a conflitos, terrorismo, atentados, fundamentalismo islâmico, e um clima de tensão na zona do Médio Oriente e Norte de África, seguindo o que a literatura sobre o tema demonstra, como é o caso de Said (1997) e Brown e Richards (2016).

De facto, a presença de temas positivos ou até neutros é frugal e, com exceção do *Público* no último intervalo temporal, têm pouca expressão, em termos relativos, na globalidade dos temas de cada intervalo e fonte. Ainda assim, observando de uma forma comparativa, o *Público* aparenta ter uma ligeira maior quantidade de temas positivos, com o *Correio da Manhã* a ter apenas dois temas positivos na globalidade dos intervalos temporais, e um tema que se pode considerar como neutro, intitulado “Desastre na Guiné-Bissau”, que apenas agrega uma notícia, intitulada “Cinco pessoas desaparecidas em naufrágio de piroga no norte da Guiné-Bissau”²⁵, que apenas relata o incidente anunciado no título.

Em segundo lugar, há uma forte presença de temáticas relacionadas com islamofobia e crescimento de movimentos com uma forte matriz antimuçulmana na Europa. Este, ainda que sendo um tema negativo, é um tema cuja cobertura é importante, de modo a que estas mesmas narrativas possam ser desconstruídas e avaliadas pela opinião pública. É um tema negativo, mas que não encaixa, por exemplo, na perspetiva dada por Said (1997), na qual as temáticas negativas identificadas são principalmente inseridas numa ideia de “muçulmanos ou Islão contra a sociedade ocidental”. O tema da islamofobia pode ser entendido numa perspetiva de “sociedade ocidental contra muçulmanos ou Islão”. Além desta particularidade, foram também identificados temas do extremo oposto: notícias que cobrem movimentos ou posições políticas que combatem a islamofobia e procuram aceitar, por exemplo, a entrada de refugiados em território europeu.

²⁵ *Correio da Manhã*, 1 de janeiro de 2015

Por fim, há ainda uma última conclusão que se pode retirar, em relação a esta perspetiva temática. O contexto em que as notícias são produzidas não pode ser esquecido. O contexto do ataque ao *Charlie Hebdo*, a ameaça do ISIL, a chamada crise de refugiados, o crescimento de movimentos conotados com a extrema-direita e a eleição de Donald Trump moldaram o *agenda setting* e, inclusive, a política, as relações sociais e os debates no seio da sociedade, nomeadamente o aumento do debate relacionado com liberdades individuais, especialmente de religião, imprensa e expressão.

Neste aspeto, muitas vezes a comunicação social funciona como um espelho destes mesmos contextos e acontecimentos. Uma representação errada de Islão e muçulmanos, focada no conflito e no terrorismo, por exemplo, não é da exclusiva culpa dos meios de comunicação, como indicam Samaie e Malmir (2017), o que, no presente caso, em termos temáticos, poderá ser relevante na explicação do domínio de temas negativos.

Ainda assim, pode-se concluir que o *Público* e *Correio da Manhã*, nos intervalos temporais analisados, acabam por fazer uma associação de Islão e muçulmanos a temas como teocracia, autoritarismo e combate à modernidade, temas ou ideias às quais um grande número de muçulmanos se opõe, tal como a tese de Said (1997) sugere.

4.2. ANÁLISE DE CONTEÚDO

O segundo objetivo a que a presente dissertação se propôs investigar advém de conclusões como as de Said (1997), que indicam que Islão e muçulmanos são tendencialmente representados pelos meios de comunicação ocidentais de uma forma homogénea, além de negativa. Esta homogeneidade é transmitida quando Islão ou muçulmanos são apresentados como uma “massa” única, uniforme e sem diferenças relevantes entre si. Said sustenta esta posição baseando-se na ideia de que, em primeiro lugar, notícias, opiniões e jornais são o resultado de um número grande de condicionantes da experiência humana e da vida em sociedade, não estabelecendo verdades objetivas e indiscutíveis; ao invés, há determinadas posições e representações de realidades sociais que são favorecidas, preferidas, algo que o autor demonstra focando-se particularmente no caso americano. Em segundo lugar, existem determinadas retóricas que são passadas como generalizações relativamente acertadas sobre Islão e muçulmanos, como a relação entre Islão e terrorismo, que é apresentada como inevitável e natural, quando na verdade não representa a grande maioria dos crentes da religião (Said, 1997), esquecendo a complexidade das dinâmicas que existem entre os muçulmanos, nomeadamente a nível geográfico, e das várias interpretações do que é o Islão, e o verdadeiro peso dos indivíduos que suportam visões mais radicais ou fundamentalistas da religião e, dentro deste grupo, aqueles que de facto se juntam a organizações terroristas, por exemplo.

Podem-se identificar dois elementos que poderão contribuir para esta mesma representação da realidade como algo homogéneo. Primeiro, a componente temática, já abordada no ponto anterior. Em segundo lugar, uma abordagem mais conceptual ou de conteúdo.

O grande desafio, em termos de análise de conteúdo, em relação ao primeiro intervalo temporal, prende-se exatamente com o contexto em que grande parte das notícias produzidas foram publicadas. A imprensa, como já foi dito, não é imune a condicionantes externas e, por essa mesma razão, poderá ou não ter existido uma influência de um clima de tensão e de desconfiança, traduzindo-se, depois, na linguagem utilizada, por exemplo. Esse é, portanto, o maior desafio que se pode apontar a este intervalo temporal.

A primeira pista de pesquisa que se pode analisar, em relação a este desafio, no primeiro intervalo temporal, diz respeito ao contexto em que grande parte das notícias produzidas foram publicadas, após os ataques de 7 de janeiro de 2015. A importância deste aspeto é bem justificada pela literatura, nomeadamente em relação a quão fraturante e discutível é, por exemplo, a escolha dos termos quando se refere a fundamentalismo islâmico e a grupos violentos e terroristas que seguem uma interpretação dura e agressiva do Islão (Lewis & Churchill, 2009).

O passo inicial de modo a analisar o primeiro intervalo temporal poderia ser a observação das palavras mais utilizadas e tentar compreender a sua escolha. Em parte, este ponto acaba por ser coberto pela análise temática que foi feita, já que a seleção dos temas foi feita utilizando como suporte as palavras mais utilizadas em cada um dos intervalos temporais e em cada uma das fontes.

Efetivamente, a observação da tabela 7.2.1. não oferece uma resposta satisfatória a um objetivo que se debruça sobre uma possível representação heterogénea ou homogénea de Islão e muçulmanos por parte dos meios de comunicação. Reforça-se que em termos temáticos é uma ferramenta muito útil, mas aqui encontra o seu limite.

O cerne da questão encontra-se noutra ferramenta ou método. Esse método é a observação das palavras e do contexto que mais frequentemente acompanham as palavras “Islão” e “muçulmanos” (incluindo, neste último caso, as variantes de número e género da palavra). Apenas um conceito consegue ter o poder de mudar a representação ou sentido do que está a ser relatado. Esta é uma abordagem que é bastante utilizada na literatura, inseridas em investigações que se centram em análises de conteúdo e discurso, como são os casos de Samaie e Malmir (2017), Tornberg e Tornberg (2016) e até o contributo de Lewis e Churchill (2009), sobre a dificuldade que existe na escolha dos conceitos certos em determinados assuntos abrangidos numa discussão sobre Islão e muçulmanos. Assim, será oferecida uma resposta sobre se existe uma representação homogénea ou heterogénea dos elementos em análise.

4.2.1. *Correio da Manhã*

4.2.1.1. Primeiro Intervalo Temporal

Neste ponto, vai-se tomar em atenção o caso do jornal *Correio da Manhã*, nos três intervalos temporais.

No primeiro intervalo, no caso da palavra “Islão”, verifica-se que a maior utilização da palavra é num contexto de reação aos atentados de 7 de janeiro de 2015. Esta utilização pode ser dividida em dois principais tipos. O primeiro aponta as caricaturas feitas pelo jornal *Charlie Hebdo* do profeta Maomé como uma ofensa ao Islão, ou que foi assim percebido pelos seus crentes, como são exemplo os excertos “(..) o semanário Charlie Hebdo ficou conhecido nos últimos anos por publicar caricaturas do profeta Maomé, cuja reprodução é considerada uma blasfêmia pelo islão”²⁶ e “Alguns têm uma certa dificuldade em afirmar esta frase que apoia o jornal Charlie Hebdo porque os alunos, nomeadamente magrebinos, dizem que o jornal provocou demasiado o Islão ou outras religiões”²⁷.

O segundo tipo utiliza a palavra “Islão” para referir a religião islâmica como uma das vítimas do terrorismo feito em seu suposto nome e como uma religião complexa, cujos princípios não são os destes grupos que adotam uma interpretação extrema, violenta e que pretende “purificar” o Islão, como referem Lewis e Churchill (2009). Este ponto inclui ainda a cobertura do potencial crescimento de islamofobia. É demonstrado, por exemplo, pelos excertos “O chefe do Hezbollah xiita libanês considerou na sexta-feira que os combatentes islamitas radicais (‘jihadistas’) espalhados pelo mundo fazem mais mal ao Islão do que as publicações que gozam com Maomé”²⁸, “E alerta para o risco de se confundir Islão com terrorismo”²⁹, que se refere à opinião recolhida do general Garcia Leandro, e ainda no caso “Segundo uma sondagem recente, um em cada oito alemães juntar-se-ia a um protesto anti-Islão caso este se realizasse na sua cidade”³⁰.

Existe ainda uma menor utilização da palavra “Islão” noutros dois sentidos, nomeadamente referindo-se a interpretações radicais ou violentas do Islão, como é o caso do excerto “O grupo jihadista [EIL] professa uma corrente extremista do Islão sunita que rejeita a existência de mausoléus dentro das mesquitas”³¹, e em relação a conservadorismo e intolerância sexual, em algumas zonas do Médio Oriente, que pode ser ilustrado pela passagem “Embora a lei egípcia não proíba esta orientação sexual, homossexuais já antes foram presos sob acusação de devassidão. No passado, as acusações iam de ‘desprezo pela religião’ a ‘práticas sexuais contrárias ao Islão’”³².

²⁶ “Passos exalta valores da liberdade”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 7 de janeiro de 2015

²⁷ “Ambiente de tristeza, emoção e medo nas escolas de Paris”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 10 de janeiro de 2015

²⁸ “Paris/Atentado: Terroristas fazem mais mal ao Islão que caricaturas – Hezbollah”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 10 de janeiro de 2015

²⁹ “Pela liberdade de dizer disparates”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 12 de janeiro de 2015

³⁰ “Milhares na rua contra islamofobia”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 7 de janeiro de 2015

³¹ “Jihadistas destroem mesquitas históricas no Iraque”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 4 de janeiro de 2015

³² “Egito absolve acusados de prática homossexual em balneário”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 12 de janeiro de 2015

Importa agora tratar do caso da utilização da palavra “muçulmano” (e suas variações de número e género que, por razões de espaço e simplificação, estarão incluídas no termo “muçulmano”) nas notícias recolhidas do jornal *Correio da Manhã*, no primeiro intervalo temporal da análise. Constatase que a sua utilização é principalmente feita no sentido de ser indicada a comunidade muçulmana da Europa, especialmente a francesa, e para referir as reações do “mundo muçulmano” às caricaturas de Muhammad feitas pela revista *Charlie Hebdo* e aos atentados dos quais a revista foi vítima. Tal é aparente em exemplos como “A comunidade muçulmana em França está preocupada com o aumento da ‘islamofobia’ no país”³³, “São várias as capas do jornal [*Charlie Hebdo*] que suscitaram a ira de muçulmanos mais fundamentalistas”³⁴ e “O Conselho francês do culto muçulmano (CFCM), instância representativa dos muçulmanos de França, condenou como um “ato bárbaro” o sangrento atentado de inspiração islamita contra o semanário *Charlie Hebdo* em Paris”³⁵.

As reações, de modo geral, aos atentados de 7 de janeiro de 2015 são de dois tipos: de oposição às caricaturas feitas pelo *Charlie Hebdo*, entendidas como ofensas, como já foi indicado, e de condenação desses mesmos ataques por parte de entidades governamentais nacionais e internacionais, como Hollande, e de membros proeminentes ou representativos da comunidade muçulmana, como é o caso do CFCM em França.

Em relação à utilização da palavra “muçulmano”, enquanto comunidade, o seu contexto acaba por ser mais heterogéneo. Uma parte da sua utilização deste modo está relacionada com o ponto anterior, mas existe também uma presença forte da utilização da palavra enquanto referência à islamofobia, apresentando os muçulmanos como uma das vítimas do terrorismo e violência propagada “em nome do Islão”.

A utilização das palavras em causa referindo-se a fundamentalismo ou extremismo está também algo presente, nomeadamente em excertos como “São várias as capas do jornal que suscitaram a ira de muçulmanos mais fundamentalistas”, da notícia “*Charlie Hebdo* fiel à sátira apesar de ataques”³⁶, de 7 de janeiro de 2015.

Concluindo a observação do presente intervalo, no caso do *Correio da Manhã*, observa-se que o grande peso temático da questão do *Charlie Hebdo* e os ataques de 7 de janeiro têm repercussões igualmente no contexto e sentido usado das palavras “Islão” e “muçulmano”. Grande parte da utilização destas palavras é feita tendo em conta esse mesmo contexto, o que seria esperado.

³³ “Comunidade muçulmana preocupada com ‘islamofobia’”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 8 de janeiro de 2015

³⁴ “*Charlie Hebdo* fiel à sátira apesar de ataques”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 7 de janeiro de 2015

³⁵ “Conselho do culto muçulmano condena ‘ato bárbaro’”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 7 de janeiro de 2015

³⁶ “*Charlie Hebdo* fiel à sátira apesar de ataques”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 7 de janeiro de 2015

4.2.1.2. Segundo Intervalo Temporal

Olhando agora o segundo intervalo temporal, ainda no caso do *Correio da Manhã*, observa-se que a utilização da palavra “Islão” foi escassa (apenas oito ocasiões), numa variedade limitada de contextos.

Os dois contextos de utilização da palavra são equilibrados, cada um com quatro referências do total. O primeiro utiliza o termo em causa para se referir a movimentos ou eventos que pretendem apresentar o Islão conforme os seus princípios e valores verdadeiros, para que a religião não seja confundida com as ideias que movem grupos fundamentalistas, terroristas e violentos, como se pode ver na passagem “Centenas de mesquitas francesas estão de portas abertas este fim de semana e convidam o público a entrar para beber um chá e conversar sobre o Islão, depois de o país ter sido abalado por terroristas jihadistas”³⁷.

O segundo contexto de utilização do termo “Islão” está associado, por um lado, à cobertura noticiosa de ataques violentos que, segundo os seus autores, foram feitos pelo Islão, e, por outro, a um grupo extremista e violento, que, na sua propaganda, exorta os muçulmanos americanos a fugirem do Ocidente para a “terra do Islão”, conforme é indicado no excerto “As imagens de Trump aparecem entre dois cliques do islamita americano-iemenita Anwar al-Awlaki, morto durante um ataque de drones dos EUA a 30 de setembro de 2011, incitando os muçulmanos americanos a ‘fugir da atmosfera opressiva do Ocidente para a terra do Islão’”³⁸.

Já em relação à frequência da palavra “muçulmano” nas notícias recolhidas do *Correio da Manhã*, observa-se que o seu uso é maior, comparativamente com a frequência da palavra “Islão” nas notícias do mesmo intervalo.

A utilização deste termo insere-se, em maior número, num contexto em que é reportada intolerância ou sentimentos antimuçulmanos em posições ou discursos políticos. A utilização da palavra neste contexto revela um aspeto importante, a já indicada na secção da revisão de literatura, a dependência de fontes ou discursos governamentais. Pode-se indicar como exemplo deste contexto casos como “O milionário norte-americano [Donald Trump] foi alvo de críticas em todo o mundo depois de ter proposto proibir a entrada de muçulmanos nos Estados Unidos, na sequência da morte de 14 pessoas num tiroteio em San Bernardino, na Califórnia (costa oeste)”³⁹.

Há outras duas utilizações da palavra “muçulmano” que são relevantes, pela sua frequência. Primeiramente, num sentido de indicar confronto ou conflito, ainda que não diretamente (ao contrário

³⁷ “Centenas de mesquitas francesas abrem as portas ao público”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 9 de janeiro de 2016

³⁸ “Trump aparece em vídeo de grupo ligado à Al-Qaida”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 2 de janeiro de 2016

³⁹ “Deputados debatem petição contra entrada de Donald Trump”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 5 de janeiro de 2017

do que é a utilização, por exemplo, da palavra “muçulmano” para caracterizar um grupo terrorista). Este sentido indireto, relacionado com o contexto em que o termo está inserido, prende-se, essencialmente, com a escalada do confronto entre o Irão e a Arábia Saudita

A outra utilização diz respeito à integração da palavra “muçulmano” num teor contextual relacionado com a abertura de muçulmanos na Europa à sociedade e também com a posição inversa, com a abertura da sociedade ocidental ou atores políticos a muçulmanos, numa perspetiva de diálogo e integração.

Por fim, de ressaltar ainda a utilização da palavra “muçulmano” referindo-se aos muçulmanos europeus oriundos da zona das Balcãs, presente em dois artigos noticiosos e num artigo que, como indicado na análise temática, acaba por ser uma exceção ao sentido geral dos restantes, a palavra “muçulmano” é utilizada para caracterizar um atleta, a sua fé e comprometimento para com a mesma.

4.2.1.3. Terceiro Intervalo Temporal

Concluída a observação do segundo intervalo temporal, no caso do *Correio da Manhã*, importa, por fim, apresentar a análise do terceiro e último intervalo temporal.

Começando, como nas anteriores ocasiões, por observar, a utilização da palavra “Islão” e o contexto em que está inserida, verifica-se que a sua frequência é mínima, sendo utilizada apenas uma vez nas notícias recolhidas. O seu contexto prende-se com a cobertura noticiosa dada a uma entrevista prestada a um outro órgão de comunicação social por parte de uma especialista em migrações, sendo utilizado o termo para referir que a especialista defende que, apesar dos atentados terroristas, já existia um medo provocado pelas diferenças entre religiões, como se verifica no excerto “‘Antes do terrorismo as diferenças entre religiões já assustavam’, responde quando questionada sobre se os atentados terroristas associados ao islão não são prejudiciais para os imigrantes muçulmanos”⁴⁰.

Por fim, sobre a utilização da palavra “muçulmano” nas notícias do *Correio da Manhã* do último intervalo temporal, além da conclusão imediata de que o número de referências é comparativamente maior do que o da palavra “Islão”, observa-se que o contexto do uso daquela palavra é, em grande parte, associado à cobertura noticiosa de abusos contra muçulmanos ou de islamofobia.

Este aspeto é bastante visível no facto de oito das dezanove referências que contêm a palavra “muçulmano” se referirem exatamente a estes fenómenos. Estas utilizações indicam, por um lado, a existência de um determinado discurso islamofóbico e antimuçulmano nos EUA, patente nos excertos “Uma mercearia do estado norte-americano do Novo México está a ser alvo de fortes críticas por colocar

⁴⁰ “Europa tem de habituar-se aos imigrantes, diz especialista francesa”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 14 de janeiro de 2017

um cartaz na loja onde se lê ‘Obama e outros muçulmanos não são bem-vindos aqui’⁴¹ e “O discurso de Streep [crítico de Donald Trump] aconteceu a menos de duas semanas da tomada de posse de Trump, que realizou uma campanha contra mexicanos e muçulmanos”⁴². Por outro lado, referem-se igualmente a abusos contra a minoria muçulmana rohingya da Birmânia por parte de forças de segurança, como se pode observar em “A Birmânia tem sido criticada pelos alegados abusos do exército contra os muçulmanos rohingya e organizações internacionais acusaram os militares de execuções, violações e queima de casas em aldeias daquela minoria”⁴³.

Poderia ainda considerar-se a utilização da palavra “muçulmano” no contexto de um ataque terrorista, no Iraque, que visou muçulmanos xiitas e que foi reivindicado pelo EIIL, como um contexto de abuso contra muçulmanos, já que o EIIL categoriza os muçulmanos xiitas como desvios da verdadeira forma do Islão e como alvos a atacar.

De destacar ainda a utilização do termo em análise num contexto de conflito, referindo-se a grupos rebeldes ou terroristas que seguem interpretações fundamentalistas e violentas do Islão. Em três referências essa ligação é direta, indicando exatamente esses grupos. Tal transparece em exemplos como “(...) os meios de comunicação turcos divulgaram que as forças de segurança da Turquia prenderam dois cidadãos chineses, da etnia uigur (muçulmanos), que teriam ligações com o tiroteio numa boate em Istambul na véspera do Ano Novo, reivindicado pelo grupo do Daesh”⁴⁴ e “O grupo rebelde muçulmano Abu Sayyaf mantém, neste momento, outras 21 pessoas sequestradas”⁴⁵.

A este relacionamento direto podem-se ainda indicar outras duas ocasiões, cuja utilização da palavra “muçulmano” não indica diretamente estes grupos, mas acabam por estar associadas, no seu contexto, a conflitos ou terrorismo. Estas duas ocasiões são: “O suspeito pedia 180.000 euros [ao EIIL] para “fornecer e camuflar” vários camiões cheios de explosivos, lançá-los sobre a multidão e matar um grande número ‘de não muçulmanos’, precisou o ministério público”⁴⁶, onde se deve ressaltar que aqui a utilização de “muçulmanos” pretende indicar pessoas que não o são, e “grupo Boko Haram quer

⁴¹ “Cartaz contra Obama e muçulmanos provoca escândalo”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 3 de janeiro de 2017

⁴² “‘La La Land’ foi o grande vencedor dos Globos de Ouro”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 9 de janeiro de 2017

⁴³ “Comissão nega abusos contra minoria muçulmana na Birmânia”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 4 de janeiro de 2017

⁴⁴ “Exército turco diz ter abatido mais de 1.500 militantes do Daesh”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 14 de janeiro de 2017

⁴⁵ “Grupo extremista filipino liberta dois reféns na ilha de Jolo”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 14 de janeiro de 2017

⁴⁶ “Pedi 180 mil euros a ‘jihadistas’ para cometer atentados”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 2 de janeiro de 2017

instaurar um califado no norte da Nigéria, região maioritariamente muçulmana, ao contrário do sul, de maioria cristã, tendo já provocado a morte a milhares de pessoas”⁴⁷.

Houve ainda a utilização da palavra “muçulmano” inserida no contexto do conteúdo de um artigo, que reporta a opinião de uma especialista sobre os fluxos migratórios, que, por um lado, indica que o medo de muçulmanos é essencialmente um medo irracional do outro, das diferenças. Por outro lado, apresenta a ideia de que os muçulmanos na Europa, tal como outros imigrantes, apenas se querem integrar na sociedade, como indica o excerto “Na verdade, diz, os imigrantes, muçulmanos ou não, (...), apenas querem recomeçar uma vida, ter os filhos nas escolas e através disso integrar-se na sociedade”⁴⁸.

Finalmente, verificam-se duas únicas menções da palavra em análise noutros dois tipos de contexto: o primeiro, de um ponto de vista cultural, apresenta a herança muçulmana da cidade de Mértola como um dos motivos para a visitar; o segundo refere que Jerusalém é uma cidade igualmente sagrada para as três religiões abraâmicas e assume um papel delicado na paz entre Israel e Palestina, num artigo cujo teor é sobre um encontro realizado entre o Papa Francisco e o Presidente palestino.

4.2.2. Público

4.2.2.1. Primeiro Intervalo Temporal

Passando agora ao caso do *Público*, e começando pelo primeiro intervalo temporal, nota-se que a maior utilização do termo “Islão” é feita no sentido de noticiar ou indicar que Islão não é uma entidade homogénea, em primeiro lugar, e não deve ser confundido com terrorismo. Este sentido é muito próximo da reação aos atentados de 7 de janeiro, tal como está patente em “O Presidente francês, François Hollande, dirigiu-se esta quinta-feira aos ‘muçulmanos’ (...) para dizer que a França deve ‘recusar as amálgamas e as confusões’ entre Islão e terrorismo”⁴⁹.

Existe, contudo, uma variedade alta de sentidos pretendidos com a utilização da palavra “Islão”, ou seja, não existe uma concentração hegemónica neste primeiro sentido indicado. Pode-se observar esta situação no elevado número de referências de utilização deste termo em contextos, ou sentidos, que sugerem o crescimento de sentimentos, ações, discursos ou movimentos anti-Islão, um aspeto que está igualmente relacionado com o contexto de reação aos atentados terroristas que ocorreram no início desse

⁴⁷ “Três raparigas mortas quando tentavam explodir-se”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 4 de janeiro de 2017

⁴⁸ “Europa tem de habituar-se aos imigrantes, diz especialista francesa”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 14 de janeiro de 2017

⁴⁹ “Muçulmanos são ‘as primeiras vítimas do fanatismo’, diz Hollande”, notícia publicada pelo *Público* a 15 de janeiro de 2015

mês de janeiro, como se verifica no excerto “Ainda antes dos ataques de França, 57% dos alemães ouvidos num inquérito disseram sentir-se ameaçados pelo islão”⁵⁰.

Há ainda a presença da utilização da palavra em análise noutros sentidos. Em oposição ao sentido referido anteriormente, existe igualmente essa utilização com o objetivo de indicar a existência de movimentos, ações ou discursos que se opõem à islamofobia crescente na Europa. Num outro espetro, são ainda referidas posições que criticam, censuram e, no caso de alguns países muçulmanos, reprimem atividades ou determinadas liberdades, em particular de expressão, baseando-se no que consideram ser “insultos” ou ofensas ao Islão.

Por fim, a menor frequência da palavra “Islão” no primeiro intervalo temporal decorre em momentos em que é pretendido indicar críticas ao Islão feitas por determinadas entidades ou indivíduos com valor noticioso, na referência de “Islão radical” e grupos e indivíduos que seguem estas interpretações, e ainda em dois casos, cada um apenas com uma menção da palavra “Islão”, é utilizado o termo de modo a indicar um ex-desportista que se converteu à religião e para referir a possível dificuldade de tratar o tema do Islão, por parte de artistas ou autores, tendo em conta o clima da altura.

A análise da utilização da palavra “muçulmano” no primeiro intervalo temporal, nas notícias recolhidas do *Público*, é morosa. Existe uma grande utilização deste termo e também um número grande de diferentes utilizações.

Ainda assim, é possível identificar dois tipos de utilização ou sentidos que são hegemónicos e ambos são fortemente influenciados pelo contexto dos atentados de 7 de janeiro.

O primeiro prende-se com a palavra inserida em contextos noticiosos que sugerem a separação da grande maioria dos muçulmanos daqueles que, em primeiro lugar, seguem uma linha mais radical ou fundamentalista do Islão e, dentro deste grupo, aqueles que ainda se juntam a organizações terroristas. Esta é uma separação que é feita de um modo mais direto, como se vê em exemplos como “‘Falo para todos os racistas, islamóforos e anti-semitas, não misturem os extremistas e os muçulmanos’, disse ainda o irmão do agente [Ahmed Merabet, morto pelos atacantes do *Charlie Hebdo*]”⁵¹, mas também de modos mais indiretos, quando é apresentado ou noticiado que, por exemplo, entidades representativas de muçulmanos condenaram o ataque ao *Charlie Hebdo* e organizaram marchas ou protestos contra a violência.

O segundo grande grupo de utilização do termo diz respeito ao crescimento de sentimentos, ações e discursos anti-Islão e antimuçulmanos. Neste grupo verifica-se também um impacto dos atentados de 7 de janeiro: a maioria dos acontecimentos que são noticiados foram realizados em seguimento desses mesmos atentados, como se vê em “Outros locais de culto muçulmano têm sido alvo

⁵⁰ “Alemanha divide-se entre manifestações contra e a favor do islão”, notícia publicada pelo *Público* a 13 de janeiro de 2015

⁵¹ “Família do polícia Ahmed pede para que não se misture islão e extremismo”, notícia publicada pelo *Público* a 11 de janeiro de 2015

de actos criminosos em França, desde quarta-feira, dia em que ocorreu o atentado na redacção do jornal satírico *Charlie Hebdo*⁵².

Comparativamente, os restantes grupos de utilização identificados agregam um número consideravelmente menor de referências. Ainda assim, importa referir quais são estes grupos.

Existe a utilização de “muçulmano” de forma a serem indicadas ações ou posições que poderão ser percebidas como insultos, por parte de muçulmanos, como a representação da figura de Muhammad. Há ainda a utilização do termo para referir os muçulmanos europeus, para noticiar momentos de união entre muçulmanos e outros grupos (principalmente no contexto de protesto contra a violência e terrorismo), e também muçulmanos que foram vítimas dos atentados de 7 de janeiro ou tiveram um comportamento considerado heroico, nomeadamente na ajuda prestada a potenciais vítimas dos atentados.

Finalmente, os últimos grupos, os grupos com menor referências associadas, dizem respeito à utilização de “muçulmano” em referência a obras de ficção, nomeadamente um dos livros do ator francês Houellebecq, em contextos associados a grupos terroristas ou ao serem noticiadas posições ou discursos destes grupos, ao serem indicados jovens muçulmanos, especialmente europeus, que são um “público-alvo” da propaganda de grupos como o EIIL, e também em contextos que sugerem violência sofrida em países de maioria muçulmana e na cobertura noticiosa de críticas feitas ao comportamento de muçulmanos, no que se refere ao que os mesmos consideram como ofensa imperdoável.

4.2.2.2. Segundo Intervalo Temporal

No segundo intervalo temporal, a palavra “Islão” é utilizada principalmente através de dois tipos. Em primeiro lugar, de modo a ser referido o Islão enquanto uma das características importantes a ser referida no contexto do conflito pela hegemonia regional entre Irão e Arábia Saudita, as duas grandes potências da zona do Médio Oriente e Norte de África, e na descrição dos regimes de cada um dos países, que assentam em correntes diferentes do Islão. Este ponto está patente em exemplos como “A luta de poder pela hegemonia regional entre o reino dos santuários do islão, Meca e Medina, e o grande país persa e xiita, é antiga e ambos a travam como se disso dependesse a perpetuidade dos seus próprios regimes autoritários”⁵³.

O segundo tipo diz respeito à utilização do termo “Islão” de forma a serem referidas posições ou interpretações radicais da religião. Esta utilização indica diretamente estas interpretações, assim como de forma indireta, ao noticiar que os seguidores destas interpretações distorcem ou ignoram pilares islâmicos, justificando-se exatamente com os objetivos de uma interpretação radical ou violenta do Islão, como se verifica em excertos como “O roubo é proibido no Islão. Mas os seguidores do Estado Islâmico

⁵² “Mesquita de Lisboa vandalizada”, notícia publicada pelo *Público* a 9 de janeiro de 2015

⁵³ “Aliados da Arábia Saudita rompem com o Irão”, notícia publicada pelo *Público* a 4 de janeiro de 2016

racionalizam as suas actividades, dizendo que têm como alvo os não-crentes, ou que os seus crimes são executados com fins estratégicos”⁵⁴

No segundo intervalo temporal, identificam-se ainda três diferentes utilizações da palavra “Islão”. Primeiro, para referir o crescimento de movimentos anti-Islão, em notícias que reportam este mesmo fenómeno, no caso do Pegida, mas também na notícia de um discurso do Papa Francisco a condenar o xenofobismo. Em segundo lugar, é utilizada para noticiar “Islão moderado” e atores políticos ou religiosos que o promovem, como se observa em “Para defender um islão de ‘harmonia’, o Conselho francês do culto muçulmano organizou este fim-de-semana uma operação de portas abertas em centenas de mesquitas”⁵⁵. Por fim, existe ainda a utilização de “Islão” numa notícia cujo contexto sugere conservadorismo, repressão e interdependência da religião com o poder político e judicial. Refere-se à prisão de um ativista na Arábia Saudita, como se observa em “Raif Badawi foi preso em 2012 e sentenciado em 2014 por insultar o islão e criticar o regime no seu blogue”⁵⁶.

Passando agora ao caso da palavra “muçulmano” no segundo intervalo temporal, nas notícias recolhidas do jornal *Público* conclui-se que a maior utilização desse termo é feita, na sua maioria, no sentido de indicar o crescimento de discursos ou sentimentos contra muçulmanos (inclusive de atores políticos), especialmente no que se refere à entrada de muçulmanos na Europa e nos EUA, mas também para referir ações concretas que revelam estes mesmos sentimentos, patente em excertos como “Uma muçulmana foi obrigada a sair de um comício de Donald Trump quando se levantou da cadeira, em silêncio, com o seu lenço na cabeça e uma T-shirt onde se lia ‘Salam [paz em árabe], eu vim em paz’”⁵⁷.

Há também uma forte presença da utilização do termo em análise com outros sentidos, revelando, talvez, influência da dispersão temática verificada no *Público* no segundo intervalo temporal. A palavra “muçulmano” é utilizada, num elevado número de casos, de forma a serem referidos jovens muçulmanos europeus com determinadas características, como com um passado criminal, que são fortemente atraídos por grupos como o EIJL, e também em referência às zonas nas cidades europeias onde esses grupos estão presentes e recrutam esses mesmos jovens.

Com uma menor frequência, verifica-se ainda a presença da palavra “muçulmano” em contextos que reportam violência ou crimes contra muçulmanos, por parte de grupos terroristas, mas também por forças internacionais como os capacetes azuis da ONU, e como forma de ser referida a Arábia Saudita pela sua importância no “mundo” muçulmano, e o conflito deste país com o Irão.

Por fim, a menor utilização do termo analisado é feita de forma a serem referidas reações negativas em relação às caricaturas feitas do profeta Muhammad pelo *Charlie Hebdo*, tanto por

⁵⁴ “O novo jihadista do Estado Islâmico é *gangster* e terrorista”, notícia publicada pelo *Público* a 1 de janeiro de 2016

⁵⁵ “No coração de Paris, uma homenagem solene às vítimas dos atentados”, notícia publicada pelo *Público* a 10 de janeiro de 2016

⁵⁶ “Irmã do *blogger* saudita Raif Badawi presa”, notícia publicada pelo *Público* a 13 de janeiro de 2016

⁵⁷ “Muçulmana obrigada a sair de comício de Trump”, notícia publicada pelo *Público* a 9 de janeiro de 2016

entidades representativas de muçulmanos, como por indivíduos muçulmanos e até entidades externas, como o Vaticano, e para indicar, num caso em específico, ações promovidas por órgãos que representam muçulmanos, como o Conselho Francês do Culto Muçulmano, com o objetivo de mostrar a “verdadeira face” do Islão ao público em geral.

4.2.2.3. Terceiro Intervalo Temporal

Já sobre a utilização da palavra “Islão” no último intervalo temporal em análise, observa-se que as duas únicas menções do termo se fazem com também dois sentidos distintos. Um destes sentidos pretende indicar o xiismo, uma das correntes do Islão, utilizando a expressão “seita”⁵⁸. A referência ao xiismo é feita porque é noticiado um ataque feito pelo EIIL em Bagdad, capital do Iraque, país onde existe uma maioria xiita, considerada herege pelo EIIL

O outro sentido pretendido com a utilização de “Islão” é o de indicar que o Islão faz parte do conjunto de interesses de um antigo Presidente da República Portuguesa, retratado num filme português que é reportado no artigo noticioso.

Sobre a utilização da palavra “muçulmano” no último intervalo temporal, conclui-se que a sua maior utilização é feita no sentido de indicar muçulmanas europeias ou que emigraram para a Europa, sendo que o contexto das notícias é o de reportar questões relacionadas com a integração ou vida nas sociedades europeias. Pode-se identificar este ponto em exemplos como “A Suíça venceu o caso no Tribunal Europeu dos Direitos Humanos (TEDH), que declarou que as raparigas muçulmanas estão obrigadas a frequentar aulas de natação mistas nas escolas”⁵⁹.

A segunda maior utilização refere-se a muçulmanos naturais da Índia, que residem no país ou em Portugal, e à presença da tradição muçulmana na Índia, especialmente em Goa, como se vê em “O primeiro-ministro [António Costa] fez um breve discurso em que destacou a qualidade única da cultura goesa como síntese das tradições religiosa muçulmana, cristã e hindu”⁶⁰.

Após estes maiores grupos de utilização, “muçulmano” é também usado num sentido mais cultural ou histórico, em notícias cujo contexto prende-se com uma série televisiva em que a presença muçulmana na Península Ibérica é lembrada e também com o relato da construção de um museu em Jerusalém que pretende chegar às três religiões abraâmicas, no sentido de referir as posições e referências a muçulmanos feitas por Donald Trump. Também foi utilizado o termo de forma a

⁵⁸ “Daesh mata 24 pessoas em Bagdad e corta estrada para Mossul”, notícia publicada pelo *Público* a 2 de janeiro de 2017

⁵⁹ “Muçulmanas obrigadas a aulas de natação mistas nas escolas suíças”, notícia publicada pelo *Público* a 10 de janeiro de 2017

⁶⁰ “Costa entre a história e as fábricas de fibra óptica no último dia em Goa”, notícia publicada pelo *Público* a 12 de janeiro de 2017

caracterizar dois atacantes, de dois atentados diferentes (um em Istambul e outro em Berlim), as suas motivações e o contexto desses mesmos ataques.

4.3. ANÁLISE COMPARATIVA DE *CORREIO DA MANHÃ* E *PÚBLICO*

Na presente secção foi tido em conta o terceiro desafio proposto, observando-se a possível existência de diferenças de representação de Islão e muçulmanos entre o *Público* e *Correio da Manhã*.

Como demonstrado na fase da revisão de literatura, vários fatores poderão influenciar a representação que os meios de comunicação, nomeadamente a imprensa, fazem de determinadas realidades sociais. Um destes fatores é, por exemplo, o formato adotado pelo jornal em causa: referência ou *tabloide*.

A forma de observar este mesmo ponto, as possíveis diferenças entre as duas fontes, pode ser concretizada com base no trabalho feito anteriormente, analisando possíveis diferenças registadas na análise temática e de conteúdo.

No primeiro intervalo temporal, a importância e reação aos atentados de 7 de janeiro registaram, compreensivelmente, um impacto maior, a nível temático. O domínio hegemónico de temas especialmente focados em conflito, ataques e também no *Charlie Hebdo*, demonstra este mesmo impacto. Neste aspeto, poucas diferenças se podem descortinar entre as duas fontes.

As diferenças identificadas dizem respeito, por outro lado, aos “pequenos” temas, aos temas que agregam menos notícias. Aqui, observa-se que, por um lado, o *Correio da Manhã* inclui apenas temas que se prendem com conflitos ou desastres (incluindo o tema neutro, “Desastre na Guiné-Bissau”), ou como reação a esses mesmos conflitos e ataques, como são algumas das notícias incluídas no tema “*Charlie Hebdo*” e no tema relacionado com debates sobre liberdade. Por outro lado, o *Público* acaba por ter a presença, ainda que com pouco peso, de dois temas mais positivos, nomeadamente um relacionado com cultura e desporto e também um tema que, ainda que seja, na sua maioria, uma reação aos atentados de 7 de janeiro, é uma reação positiva, que sugere a aproximação de grupos com diferentes origens étnicas, religiosas e de outro tipo, num espírito de reconciliação e união.

Nota-se, assim, que em termos temáticos, ainda que o *agenda setting* seja marcado por temas maioritariamente negativos, um fenómeno que não se desassocia do contexto em que estas notícias foram publicadas, o *Público* tende a não se focar exclusivamente nestes temas, abordando igualmente outras temáticas.

Se o aspeto temático tem uma importância acrescida na definição do *agenda setting*, o conteúdo é relevante na criação de uma representação mais direta das realidades que noticia, principalmente a observação dos sentidos em que os termos em análise são mais vezes utilizados.

Em termos de conteúdo, o *Público* destaca-se maioritariamente pela maior importância dada, em ambos os termos, à necessidade de se ter um olhar não generalista quando se olha para Islão e muçulmanos, entendendo que são entidades heterogéneas, e pela cobertura noticiosa do crescimento da

islamofobia e sentimentos antimuçulmanos na Europa. No caso do *Correio da Manhã*, Islão e muçulmanos são, em maior número, referidos para indicar as reações aos atentados de 7 de janeiro, de repúdio dos mesmos, e também para assinalar que muçulmanos e entidades representativas dos mesmos criticaram as caricaturas feitas pelo *Charlie Hebdo*. Há ainda uma presença forte da utilização de “muçulmano” em contextos que referem o crescimento da islamofobia.

O *Público* e *Correio da Manhã* aparentam, no primeiro intervalo temporal, ter uma representação semelhante dos termos em análise, tendo em conta o contexto em que são inseridos, usados sobretudo no sentido de separar Islão e muçulmanos de violência e grupos terroristas, e para noticiar que existe um crescimento assinalável de islamofobia e sentimento antimuçulmano.

Sobre o segundo intervalo temporal, em termos temáticos, ainda que em ambas as fontes a predominância seja de temáticas negativas, pode-se assinalar que existe maior dispersão temática no *Público*, tanto em número de temas como na quantidade de notícias agregada por cada um. Esta é a diferença relevante que se poderá apontar, já que os temas identificados são bastante semelhantes. Em menor quantidade, o *Correio da Manhã* reporta igualmente o conflito entre Arábia Saudita e Irão, numa perspetiva mais reativa, pois são essencialmente notícias criadas em reação a acontecimentos, enquanto o *Público*, tendo também esta abordagem, oferece ainda uma visão mais aprofundada ao conflito e às suas ramificações.

Em relação à abordagem de conteúdo, observa-se que no caso do *Correio da Manhã* a utilização do termo “Islão” é exclusivo a dois momentos – na notícia de ações que pretendem mostrar os “verdadeiros valores” do Islão, e na cobertura de grupos terroristas que seguem interpretações fundamentalistas e violentas da religião – que ainda sentem muito o “peso” dos atentados do ano anterior e com concentração no terrorismo e nas reações que provocou. No *Público*, ainda que exista também a presença desta utilização, o maior foco é noutro tipo de utilizações, nomeadamente enquanto *background* do conflito entre Irão e Arábia Saudita.

Já sobre o termo “muçulmano”, observa-se que o *Público* centra a sua utilização em sentidos que indicam o crescimento de sentimentos antimuçulmanos e na reportagem de questões relacionadas com jovens muçulmanos europeus e com o contexto e o discurso que os incitam a ingressar em grupos como o EIIL, aproximando-se do *Correio da Manhã*, onde existe uma centralidade nesse mesmo sentimento antimuçulmano, mas verificando-se alguma importância na ligação indireta do termo a conflito, especialmente o que existe entre Arábia Saudita e Irão, e sobre a abertura dos muçulmanos aos restantes grupos das sociedades europeias e vice-versa.

No terceiro intervalo, existem diferenças assinaláveis, em termos temáticos, entre as duas fontes. Enquanto no *Correio da Manhã* permanece uma concentração maioritária de temas negativos, apesar da pequena presença do tema “Cultura/Turismo” e também do tema “Islamofobia”, que, como já foi discutido, é de importância acrescida a sua cobertura, no *Público* observa-se que existe um peso grande do tema “Cultura” e “Relações Portugal-Índia”, fugindo um pouco de temas como terrorismo e conflito (ainda que estejam também presentes).

Na análise de conteúdo, a presença do termo “Islão” no último intervalo de observação é escassa, existindo apenas duas menções: de forma a ser referido o Xiismo, num contexto de violência do EIL contra muçulmanos, e com um sentido menos literal ou direto, em relação à religião islâmica em si, já que é indicado como uma área de interesse de um antigo Presidente da República Portuguesa. Esta limitação é partilhada pelo *Correio da Manhã*, onde a sua única menção diz respeito à opinião de uma especialista em relação ao “medo do diferente”, onde o medo do Islão se insere.

Sobre o termo “muçulmano”, esta última fonte concentra a sua utilização em contextos de cobertura de islamofobia e sentimentos antimuçulmanos e de grupos terroristas e atentados perpetrados pelos mesmos. O *Público* focaliza a utilização deste termo para referenciar as muçulmanas europeias ou que migraram para o continente (no contexto da integração e da vida das mesmas na Europa) e, na sua segunda maior utilização, refere-se aos muçulmanos naturais da Índia.

Observando esta comparação temática e de conteúdo feita às notícias recolhidas de cada uma das fontes, algumas conclusões podem ser ressaltadas.

Em primeiro lugar, destacam-se poucas diferenças a nível temático. Embora o *Público* tenha uma ligeira maior presença de temas positivos ou neutros, trata-se de uma diferença escassa e, em termos de pesos globais, é uma presença mínima. Existe um domínio quase absoluto de temáticas negativas em ambas as fontes.

Em termos de conteúdo, observa-se que a utilização dos termos “Islão” e “muçulmano” é feita em sentidos e contextos semelhantes, destacando-se a sua utilização em contextos de conflito ou de ataques, mas também, e notavelmente, na cobertura do aumento de islamofobia e sentimentos antimuçulmanos, na necessidade de existir uma separação entre Islão e a grande e hegemónica maioria dos muçulmanos e o terrorismo, a violência e os grupos terroristas.

Porém, numa observação transversal aos três anos, nota-se que, dentro destes sentidos que acabam por indicar conflitos ou ataques, o *Público* tende a explorar mais aprofundadamente estes conflitos, não se ficando por uma cobertura superficial, algo igualmente suportado pela análise temática. Tal verifica-se, por exemplo, na cobertura feita à situação dos jovens muçulmanos europeus seduzidos pela propaganda de grupos como o EIL, a análise à situação interna da Arábia Saudita e, num outro plano, uma análise à influência e consequências provocadas pelo “efeito Donald Trump”, nomeadamente no que concerne a discursos antimuçulmanos e anti-Islão. Por sua vez, o *Correio da Manhã* não faz, em grande parte, este tipo de análises mais profundas, que oferecem ao leitor um outro entendimento dos acontecimentos.

Tendo em conta as diferentes características das fontes, especialmente no que concerne aos seus formatos de publicação, algumas diferenças estruturais podem ser apontadas. As notícias do *Correio da Manhã* tendem a ser mais diretas e com um menor desenvolvimento, em comparação com as do *Público*, ocupando muitas das notícias apenas parte de uma página, com um pequeno número de parágrafos, curtos e diretos, que acabam por apenas relatar os acontecimentos, e com maior presença de imagens ou

vídeos. Em comparação, as notícias do *Público* desenvolvem mais aprofundadamente os acontecimentos que são noticiados.

Um exemplo prático desta situação pode ser observado na cobertura, por parte das fontes, da expulsão de uma muçulmana de um comício de Donald Trump, no segundo intervalo temporal. A notícia publicada pelo *Correio da Manhã*⁶¹ é extremamente sucinta, apenas indicando o local e resumindo brevemente o acontecimento em três parágrafos; por outro lado a notícia do *Público*⁶² desenvolve mais aprofundadamente a sequência de acontecimentos, oferecendo inclusive reações da pessoa que foi expulsa do comício.

Esta é uma situação que se revela em vários casos. A cobertura do conflito regional entre Irão e Arábia Saudita é paradigmático deste fenómeno: por parte do *Correio da Manhã* existe apenas uma cobertura dos desenvolvimentos ou acontecimentos no âmbito deste conflito (especialmente em relação a ataques ou atentados). Por outro lado, o *Público* contextualiza o conflito, não se focando exclusivamente no acontecimento que relata, e oferece uma perspetiva alargada, aprofundada, sobre a situação interna da Arábia Saudita, e o que a move, em termos políticos, sociais e religiosos.

Estes dois aspetos não são de somenos importância. Além de revelar o tipo de formato que diferencia as duas fontes (o *Correio da Manhã* enquanto um jornal *tabloide* e o *Público* de referência), na representação que é feita das realidades que noticia, o *Correio da Manhã* poderá oferecer uma imagem mais simplista, crua, que não permite absorver por completo todo o contexto que rodeia um acontecimento, e podendo contribuir para uma imagem de Islão e muçulmanos mais simples, de “existência de conflitos simplesmente pelo conflito enquanto fim em si mesmo”.

⁶¹ “Muçulmana expulsa de comício de Trump”, notícia publicada pelo *Correio da Manhã* a 9 de janeiro de 2016

⁶² “Muçulmana obrigada a sair de comício de Trump”, notícia publicada pelo *Público* a 9 de janeiro de 2016

5. CONCLUSÕES

Finda a análise, é tempo de retirar as conclusões que advieram de toda a investigação. O objetivo que foi proposto para esta dissertação prendia-se com a representação de Islão e muçulmanos que é feita pela imprensa portuguesa. Para tal, foram observadas as notícias publicadas *online* de dois órgãos de comunicação social, o *Público* e *Correio da Manhã*, em três intervalos temporais distintos, com o suporte do programa Nvivo.

De modo a atingir o objetivo central que foi proposto, procedeu-se a uma análise temática e de conteúdo às notícias recolhidas, e também foi realizada uma análise comparativa das duas fontes.

Podem-se distinguir dois tipos fundamentais de conclusões: de índole científica, no que diz respeito aos resultados da análise dos dados, e outra, metodológica.

No que diz respeito ao objetivo central da análise observa-se que existe, nas duas fontes, uma predominância de temáticas negativas. A presença de temas neutros ou positivos é bastante reduzida e o seu peso, excluindo o caso do *Público* no último intervalo temporal, é mínimo. Existe, principalmente, uma concentração de temas que remetem para conflito, ataques e atentados terroristas.

No entanto, é de destacar a forte presença, num segundo plano, de temas que reportam o crescimento da islamofobia e sentimentos antimuçulmanos. São temáticas negativas. Mas, ao ser noticiado este fenómeno, a imprensa está igualmente a trazer a público, a colocar no *agenda setting* a discussão deste fenómeno.

Este último ponto reforça a importância da secção da análise de conteúdo. Se é verdade que o tema da islamofobia e o sentimento antimuçulmano são colocados em discussão, a forma como os mesmos são tratados adquire ainda mais relevo.

Sobre este aspeto, a análise revelou que existe um peso significativo de utilização dos termos “Islão”, “muçulmano”, muçulmana”, “muçulmanos” e “muçulmanas” em sentidos e contextos que apresentam tanto Islão como muçulmanos como entidades heterogéneas e não como uma massa uniforme de interpretações da religião. Tal é próximo dessa mesma cobertura de islamofobia e sentimentos antimuçulmanos, já que é apresentado que essas posições poderão advir de uma mistura errada de Islão com terrorismo e de muçulmanos com grupos terroristas. Contudo, é de apontar que estas observações são, na sua grande maioria, assinaladas em ambas as fontes na sequência de atentados terroristas em ambas as fontes. São indicadas como um possível resultado indesejado, como consequências destes ataques.

Em termos relativos, verifica-se que não existem diferenças muito consideráveis entre os dois elementos analisados. Regista-se em ambos um domínio de sentidos de utilização dos termos que pretendem apontar tanto Islão como muçulmanos como elementos heterogéneos, com uma forte presença de contextos como o crescimento da islamofobia e sentimentos antimuçulmanos e o contexto de ataques realizados por grupos terroristas que seguem interpretações fundamentalistas do Islão.

É de notar, porém, que esta representação de Islão e de muçulmanos como elementos heterogêneos é quase transmitida como uma experiência exclusivamente europeia; a referência a Islão ou muçulmanos no Mundo tende a ser apenas feita em contextos de conflito, com pouco mais a acrescentar, verificando-se apenas pequenas exceções.

Já sobre a análise comparativa das duas fontes, conclui-se que não se verificam diferenças de maior em termos temáticos e de conteúdo (no que diz respeito ao sentido e contexto em que os termos analisados são utilizados). De facto, existe uma ligeira maior presença de temas positivos, de forma global, nas notícias do *Público*, e uma maior variedade e dispersão temática. Contudo, são diferenças mínimas. Os traços globais das duas fontes são semelhantes, nos três intervalos temporais, com enfoque dado a temas negativos, como já enunciado. Em termos de conteúdo, a situação não difere: repara-se que as palavras-chave são usadas, na sua grande maioria, em contextos semelhantes.

As grandes diferenças que podem ser apontadas dizem respeito, por um lado, à forma como estes acontecimentos, ainda que negativos, são explorados. Nesse aspeto, o *Público* revela uma cobertura mais extensiva, com especial enfoque dado ao contexto em que os fenómenos noticiosos se passaram, ao passo que o *Correio da Manhã* se fica por uma análise mais superficial dos acontecimentos na grande maioria das situações, como foi demonstrado com o suporte de exemplos.

Estas diferenças revelam duas situações. Em primeiro lugar, que os dois órgãos de comunicação social analisados tendem a depender largamente de entidades e fontes governamentais e que, principalmente, a sua produção de notícias relacionadas com os elementos analisados, nos três intervalos naturais, tende a ser, na sua larga maioria, reativa, em resposta aos acontecimentos. Tal poderá explicar o domínio de temáticas de conflitos e atentados terroristas, com especial peso dado às notícias associadas aos atentados de 7 de janeiro de 2015, principalmente no primeiro intervalo temporal, mas também no segundo.

Em segundo lugar, pode-se concluir que o formato de cada um dos órgãos de comunicação analisados poderá ser o fator com mais influência na representação observada dos elementos, nos três intervalos temporais. Tal transparece na forma como o *Público* oferece uma descrição e análises mais aprofundadas dos acontecimentos noticiados, assim como uma maior variedade temática e um ligeiro maior peso de temas positivos ou neutros. Pelo contrário, o *Correio da Manhã* apresenta, de maneira geral, notícias mais simples, de “rápida digestão” pelo leitor, e uma concentração maior em temáticas negativas e em alguns tipos de acontecimentos (atentados, conflitos, desastres...), que tendem a ser histórias mais sensacionalistas, que mexem mais fortemente com os sentimentos dos leitores. Estas características verificadas vão ao encontro dos formatos de publicação dos dois jornais: de referência, por parte do *Público*, e o formato *tabloide* do *Correio da Manhã*.

Em termos metodológicos, é apresentada a forma como o *software* informático Nvivo consegue ter uma grande utilidade em investigações que pretendem realizar uma análise qualitativa, especialmente que remeta para análises temáticas ou de conteúdo, com um grande número de dados recolhidos, facilitando uma organização e categorização da informação que seria, caso contrário, muito morosa.

Sobre o método e técnicas utilizadas na presente análise, ficou patente que uma análise qualitativa poderá acrescentar contributos relevantes à ciência, especialmente no que concerne a investigações que se centram na representação de minorias e outros grupos desfavorecidos, seja em meios de comunicação, como foi o caso, como também em documentos institucionais, por exemplo, ou outros casos. A linguagem, os temas e contextos de inserção destes elementos constroem representações que podem ser mais ou menos distorcidas da realidade. Assim, entidades como os *media*, que influenciam a opinião pública e definem o *agenda setting*, têm uma responsabilidade acrescida na representação que fazem de grupos geralmente desfavorecidos na sociedade.

6. BIBLIOGRAFIA

- Adraoui, M. (2017). Borders and sovereignty in Islamist and jihadist thought: past and present. *International Affairs*, 93 (4), 917-935.
- Ahmed, S. & Matthes, J. (2017). Media representation of Muslims and Islam from 2000 to 2015: A meta-analysis. *The International Communication Gazette*, 79 (3), 219-244.
- Baker, P., Gabrielatos, C. & McEnery, T. (2013). *Discourse Analysis and Media Attitudes: The Representation of Islam in the British Press*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Brienza, C. (2017). Qui est Charlie...? A Sociological Perspective on Charlie Hebdo and the Culture of Comics. *Publishing Research Quarterly*, 33 (4), 373-379.
- Briggs, A. & Burke, P. (2009). *A social history of the media: from Gutenberg to the Internet*. Cambridge: Polity Press.
- Brown, L. & Richards, B. (2016). Media Representations of Islam in Britain: A Sojourner Perspective. *Journal of Muslim Minority Affairs*, 36 (3), 350-363.
- CNN (2017). "2015 Charlie Hebdo Attacks Fast Facts" (online), consultado 7.08.2018. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2015/01/21/europe/2015-paris-terror-attacks-fast-facts/index.html>
- Gabsi, Z. (2015). Response to Islamophobia in the Arabic Islamic discourse: A critical discourse analysis. *Intellectual Discourse*, 23 (2), 229-254.
- Carter, M.J. (2013). The Hermeneutics of Frames and Framing: An Examination of The Media's Construction of Reality. *SAGE Open*, 3 (2), 1-12.
- González Díez, L., Puebla Martínez, B., Birkiner, T. & Pérez Cuadrado, P. (2015). Newspaper Design as a Fundamental Element of the Tabloide Press. *Revista Latina de Comunicación Social*, 70, 859-877.
- Hashim, A.S. (2014). The Islamic State: From Al-Qaeda Affiliate to Caliphate. *Middle East Policy*, 21 (4), 69-83.
- Herman, E. & Chomsky, E. (2002). *Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media*. New York: Pantheon Books.
- Krippendorff, K. (2004). *Content Analysis: An Introduction to Its Methodology*. London: SAGE Publications.
- Kumar, D. (2016). The Right Kind of "Islam. *Journalism Studies*, 19 (8), 1079-1097.
- Kayani, S. (2011). Islam: Past, Present and Future. *The Dialogue*, 6 (4), 320-338.
- Lekas, A. (2015). # ISIS: The Largest Threat to World Peace Trending Now. *Emory International Law Review*, 30 (2), 313-351.
- Lewis, B., & Churchill, B.E. (2009). *Islam: the religion and the people*. New Jersey: Wharptom School Publishing.
- Lippmann, W. (1998). *Public Opinion*. New Jersey: New Brunswick.
- Marktest (2017). 3 milhões seguem páginas de jornais e revistas através do Facebook. Retirado a 20 de janeiro de 2017 de <https://www.marktest.com/wap/a/n/id~2299.aspx>
- Marktest (2017). Imprensa: jovens preferem digital. Retirado a 20 de janeiro de 2017 de <https://www.marktest.com/wap/a/n/id~2304.aspx>
- Meios & Publicidade (2017). Bareme Imprensa: Erosão da audiência não dá tréguas aos títulos generalistas. Retirado a 20 de janeiro de 2017 de <http://www.meiosepublicidade.pt/2017/12/bareme-imprensa-erosao-da-audiencia-nao-da-treguas-aos-titulos-generalistas/>
- Neumann, K., Arendt, F. & Baugut, P. (2018). News and Islamist Radicalization Processes: Investigating Muslims' Perceptions of Negative News Coverage of Islam. *Mass Communication and Society*, 21 (4), 498-523.
- Nuruzzaman, M. (2015). The Challenge of the Islamic State. *Global Affairs*, 1 (3), 297-304.

- Ruiz, M. (2016). The Ummah, the Sunnah of the Prophet and the Caliph: The Sunni View. *Estudios de Asia y Africa*, 51 (2), 271-282.
- Saeed, A. (2007). Media, Racism and Islamophobia: The Representation of Islam and Muslims in the Media. *Sociology Compass*, 1 (2), 443-462.
- Said, E. (1997). *Covering Islam: How the Media and the Experts Determine How We See the Rest of The World*. New York: Vintage Books.
- Samaie, M. & Malmir, B. (2017). US news media portrayal of Islam and Muslims: a corpus-assisted Critical Discourse Analysis. *Educational Philosophy and Theory*, 49 (14), 1351-1366.
- Saunders, R. (2008). The ummah as nation: a reappraisal in the wake of the ‘Cartoons Affair’. *Nations & Nationalism*, 14 (2), 303-321.
- SETA (2015). European Islamophobia Report 2015. Retirado a 23 de março de 2017 de https://www.islamophobiaeurope.com/reports/2015/en/EIR_2015.pdf
- Scharf, M.P. (2016). How the War Against ISIS Changed International Law. *Case Western Reserve Journal of International Law*, 48 (1/2), 15-67.
- Sharifi, M., Ansari, N., & Asadollahzadeh, M. (2017). A critical discourse analytic approach to discursive construction of Islam in Western talk shows: The case of CNN talk shows. *The International Communication Gazette*, 79 (1), 45-63.
- Splichal, S. (1999). *Public opinion: developments and controversies in the twentieth century*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.
- Splichal, S. (2002). *Principles of Publicity and Press Freedom*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.
- Stockemer, D. & Barisione, M. (2017). The ‘new’ discourse of the Front National Under Marine Le Pen: A slight change with a big impact. *European Journal of Communication*, 32 (2), 100-115.
- Tornberg, A. & Tornberg, P. (2016). Muslims in social media discourse: combining topic modeling and critical discourse analysis. *Discourse, Context and Media*, 13, 132-142.
- Ünver, N. (2015). Islamic State Recruitment and its Impacts on the Re-Securitization of Migration in Europe. *Marmara Journal of European Studies*, 23 (1), 89-107.
- Van Dijk, T.A. (1985). *Handbook of discourse analysis*. London: Academic Press.
- Van Dijk, T.A. (1993). Principles of critical discourse analysis. *Discourse & Society*, 4 (2), 249-283.
- White, D.M. (1950). The “Gatekeeper”. A Case Study in the Selection of News. *Journalism Quarterly*, 27 (4), 383-390.
- Wodak, R. (2006). What CDA is about – a summary of its history, important concepts and its developments. In R. Wodak & M. Meyer (eds). *Methods of Critical Discourse Analysis* (pp. 1-14). London: Sage Publications.
- Wolf, M. (1994). *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença.

7. ANEXOS

7.1. DESCRIÇÃO DAS NOTÍCIAS RECOLHIDAS

Tabela 7.1.1. - Número de notícias por intervalo temporal e segundo a fonte.

Intervalo Temporal	Notícias (n)	
	Correio da Manhã	Público
1 a 15 de janeiro de 2015	51	65
1 a 15 de janeiro de 2016	21	27
1 a 15 de janeiro 2017	15	14

Tabela 7.1.2. - Distribuição das notícias recolhidas do Correio da Manhã por palavra-chave (n).

Intervalo Temporal	Palavra-Chave	
	Islão	Muçulmanos
1 a 15 de janeiro de 2015	11	40
1 a 15 de janeiro de 2016	4	17
1 a 15 de janeiro 2017	2	13

Tabela 7.1.3. - Distribuição das notícias recolhidas do Público por palavra-chave (n).

Intervalo Temporal	Palavra-Chave	
	Islão	Muçulmanos
1 a 15 de janeiro de 2015	21	44
1 a 15 de janeiro de 2016	10	17
1 a 15 de janeiro 2017	2	12

7.2. CATEGORIZAÇÃO TEMÁTICA

Tabela 7.2.1. - Categorização temáticas das notícias recolhidas do Público e Correio da Manhã nos três intervalos temporais.

Categorias Temáticas	Número de notícias
Correio da Manhã	
- Primeiro intervalo temporal	
Ataques/Atentados Terroristas	46
Charlie Hebdo	35
Valores conservadores no Islão	3
Desastre na Guiné-Bissau	1
Liberdade (religião, expressão, imprensa)	13
- Segundo intervalo temporal	
Anti-Islamofobia e abertura a refugiados	3
Conflitos	13
Desporto	1
Trump e muçulmanos. Reações às suas posições	5
Discursos negativos sobre refugiados	1
- Terceiro intervalo temporal	
Conflitos e Terrorismo	8
Discurso de Trump sobre muçulmanos	4
Islamofobia	3
Cultura/Turismo	1
Público	
- Primeiro intervalo temporal	
Ataques/Atentados Terroristas	57
Charlie Hebdo	51
Cultura e Desporto	2
Liberdade (religião, expressão, imprensa...)	33
Reconciliação de diferentes grupos	5
Serra Leoa	2
- Segundo intervalo temporal	
Arábia Saudita	7
Charlie Hebdo	3
Criminalidade nas ações da ONU	1
Discurso anti-Islão e antimuçulmanos	4
Fundamentalismo Islâmico e Terrorismo	10
Imigração e Refugiados	2
Irão	7
Liberdade (religião, expressão, imprensa...)	1
Política Norte-Americana	3
- Terceiro intervalo temporal	
Atentados Terroristas do ISIL	4
Cultura	3
Fenómeno Donald Trump	2
Muçulmanos nas sociedades europeias	2
Relações Portugal-Índia	3